



Mr. Ch. de S. M. M. 1877

MANOEL MARIA DA SILVA BRUSCHY

• Si j'étais mêlé aux luttes poli-
• tiques, je me réjouirais, je m'ho-
• norerais de ne voir devant moi
• que des adversaires fidèles à leur
• passé et à leurs convictions. »
JULES SIMON, *La Liberté*.

São os quadros em que se fixam os caracteres illustres como uns painéis de familia, que certificam a nobresa e a gerarchia de um povo. Tem cada um sua feição distincta, seu modo, seu traje, sua attitudo e apparencia variadissima; mas ha no complexo da galeria um ar de parentesco e uns visos de pareença, em que para logo se divisa com a genuidade da origem a grandeza que dá a primasia. Cinge este as vestes de prelado, aquelle o cossolête de cavalleiro, um a toga de juiz, outro a cugula de monge; e parece que a mesma galhardia os avantaja em auctoridade. Diversificam os emblemas das profissões; e na alteza do garbo não desdizem as figuras. Qual se encosta á ancora, qual empunha a penna, qual florea a lança, qual se adereça da palheta, do scopro, do cinzel, ou da esquadria; e é em todos similhante a ingénita dignidade, o bizarro porte, e a natural soberania com que Deus lhes assella a superioridade intellectual e moral, que é o secreto vinculo da sua genealogia.

Quando para estes Propyleos da historia entra algum d'esses homens, que pela eminencia da pessoa honram e glorificam uma nação, ninguem lhe pergunta o que é, senão o que val. Não é preciso inquirir-lhe a procedencia onde todos lhe reconhecem os merecimentos. Enrolam-se ante elle as insignias partidarias, porque basta para saudal-o o sufragio unanime que lhe deu o logar e as corôas.

O cidadão verdadeiramente distincto e prestante não é exclusivamente de nenhuma facção ou bando : é da humanidade pela intelligencia, é da patria pelo nome !

Se por suas prendas e acções se estrema e se levanta, que importa a parcialidade em que se alista ? Este é de todos os cultos o mais isempto quando vem do coração e não vai além da consciencia. Esta é a primeira de todas as alforrias, porque é direito do pensamento e direito do sentimento, e nunca houve regimen que lograsse avassallar um nem outro. Essa ha de ser sempre a excellencia incontestavel dos foros ganhos pelo seculo á sociedade, que a mesma lei protege e escuda as lithurgias que a esconjuram, as tradições que a negam, as vontades que a impugnam e as paixões que a condemnam.

Ninguem receie que a justiça prejudique a liberdade. A condição essencial d'esta consiste em não admittir exclusões. Entre liberdade e justiça ha tal connexão, que se a justiça nem sempre é liberdade, a liberdade deve ser sempre justiça.

É em si mesmo o principio tanto força, tanto grandeza, e tanto virtude, que nem é possível accommettel-o sem primeiro o confirmar. É força, porque na lucta se avigora ; é grandeza, porque assim chega para sectarios como para antagonistas ; é virtude, porque mais se realça onde mais o vituperam. A liberdade, que vem de Deos como a luz, deixaria de ser o que é, se não fôra para todos como é !

Seria conforme á justiça, seria conforme á liberdade, joeirar as opiniões para só por ellas apurar os meritos ? A realeza do ingenho, por ser a mais visinha do céu, está acima das classificações humanas, menos que humanas, arbitrarías, que impoem excepção ! Quem deu aos nossos juizos tal grau de certeza e infalibilidade que nos habilite a decidir e sentenciar ? Quando e como nos communicou a Eterna Sabedoria o segredo da sua providencia ?

Inspira-nos, guia-nos, aconselha-nos, impelle-nos uma fé sincera e profunda ? Respeitêmol-a nos outros. O mobil é o mesmo ; apenas a fórmula é differente.

Em tantos mares que se dilatam, em tantas rochas que se aprumam, em tantas procellas que se sublevam não póde ser o pharol um só. Não bastaria a sua claridade, por mais aturada e intensa, para os que navegavam por tão encontrados rumos com a prôa em terras ainda ignotas.

A humanidade inteira caminha para um fim que não conhece movida por uma força que não explica. Aquelle fim é um enigma, esta força um mysterio. Quando o espirito audaz do seculo XVIII tentou levar a philosophia aos extremos da rasão explorando to-

dos os phenomenos do pensamento, inquirindo todas as leis da civilisação, investigando todas as phases do progresso, apenas chegou com os seus esforços a este desengano de vaidades: «Dieu seul connait le but et la route!» Como ha de pois o homem improvisar-se Deus, e na incerteza, no nevoeiro, na escuridade das conjecturas, bradar com segurança: «eis o caminho unico?»

Imaginae o nauta que entesta ao pego, e perdendo a terra de vista, se acha só entre dois infinitos. Dae-lhe ao baixel as mais robustas cavernas, as mais rijas amuradas, o mais solido arvoredado, as mais possantes machinas, e os mais destros tripulantes. Pensará esse que tanto lhe basta? Nem o mais endurecido e rude ousára tal insania. Bem sabe elle que está longe do porto a que o atrahê o desejo, e que até lá é mais das ondas e dos ventos que de si. Se o tufão redemoinha, e as trevas se condensam, e os abysmos se rasgam, e as aguas se encapellam em serras, e os elementos se desencadeam em furias, já póde ser que lhe não valha nem todo o seu animo, nem todo aquelle poder, nem toda a sciencia mundana. Irá aonde o levar a mão da tempestade. Com ter tantos instrumentos para tomar o sol, marcar as latitudes, subjeitar o tempo, e guir a derrota, nem por isso poderá ao certo prognosticar em que dia, em que hora, e em que enseada logrará ancorar-se. Póde ser forçado a arribar ás plagas em que menos cuidava. Póde alongar-se a regiões que nem previra. Póde pairar sem querer em inuteis singraduras. Póde sossobrar e subverter-se. Póde surgir e melhorar-se. Póde por mil modos livrar-se ou perder-se, sem nunca saber qual passo será o seu refugio, qual costa lhe dará o naufragio.

Pois se assim é n'estas viagens em que ha tantos roteiros para acautellar os baixos, indicar as correntes e avisar dos parceis, em que as nuvens nos ares e a arrebentação nos recifes advertem de longe o perigo, o que não será n'esse incertissimo pelago da humanidade onde tudo é tão vario, inconstante e duvidoso, que para cada um se nortear e marcar mais podem muitas vezes as circumstancias que a propria resolução?

É vulgar dizer-se que a sabedoria vive no presente, a mocidade no futuro, a decrepitude no passado. Nem sempre tem sido assim. Ha grandes e fortes intelligencias, que empenham todo o seu vigor, antes dos annos propectos, em reviver cousas que o tempo levou. José de Maistre nascia quando Voltaire expirava.

Muitas vezes dos mais ardentes impetos, e das mais juvenis aspirações, surge um pensamento grave, uma como saudade, que volve os olhos e a alma ao que já foi. Este instincto contemplativo n'uns é reflexão, n'outros faz-se bemquerença.

E que admira? Ha com effeito no aspecto das ruinas uma seducção que prende os sentidos, um enlevo que namora os espiritos. A solidão d'ellas convida, a sua melancholia atrahê, e são os corações generosos os que mais se deixam carear d'este sentimento mysterioso, que pouco a pouco se eleva ao affecto, do affecto sóbe á devoção, da devoção sublima-se ao sacrificio. N'essa altura, chamem-lhe embora superstição, põem aos pés o respeito. É paixão e é crença: tanto basta!

São as tradições uma poesia e uma religião, poesia pelas imagens que evocam, religião pelos acatamentos que inspiram. Ninguém, senão o ignaro ou o sceptico, o que nunca viveu ou o que já não vive em si mesmo, ninguém passa indifferente diante de um monumento, templo ou palacio, arcada ou mausoleu. Embora outros ritos, outras idéas, outras cousas, e outros homens, no movimento que é a a renovação, estejam invencivelmente chamando as attensões para novos primores e prodígios, ha de ali por maior força deter-se o coração e a memoria. E o mais singular attractivo está justamente na opposição da sua attitude, nos signaes da sua caduquez, na immovel magestade com que tem observado, austera testemunha, tantos seculos esvaiem-se na sombra, tantas gerações desfazerem-se no pó.

De muito os medir e admirar chega-se a ver o que elles viram. Enchem-se os templos desertos, animam-se os palacios abandonados, repovoam-se as arcadas ermas, erguem-se dos mausoleus as sombras e as cinzas para se encorporarem e viverem. Ressurge á imaginação toda uma época tal como era, e para o que era. Tudo toma o seu logar na ordem em que existira. É tão completa esta illusão, que se vos demoraes a visitar os raros e solitarios vestigios dos velhos Solares e esmantelladas Honras, que outr'ora dos visos das serras atalaiaram os burgos pendurados na encosta, a poucos passos quasi estranhaes não encontrar nos restos mutilados do adarve a esculca que ha seculos dorme á sombra do cruzeiro decrepito, e por vezes julgaes ver n'um vago reflexo luzir ao sol na unica quadrella inteira das muralhas dispersas o capello burnido dos antigos barões.

Não são só as magnificencias da antiguidade, é a mesma antiguidade que nos falla e nos domina. Na Acrópole de Athenas, entre as maravilhas de Ictino e Phidias, percorrendo o Parthenon, achar-vos-heis insensivelmente na Grecia de Pericles e eccoar-vos-ha no espirito a voz de Demósthènes. Na Heptanómida, entre as columnas truncadas de Memphis, achareis mais do que esplendidos destroços, achareis a assombrosa civilisação egypciaca. Mas, do mesmo modo, ao sopé das antas rudes, dos

dholmen e cromlech abruptos, se vos levantará diante dos olhos com os barbaros mysterios dos druidas a raça agreste e dura dos Celtas nossos avós.

O mais culto ingenho será o mais sujeito a estas miragens, que repetidas se entranham na mente e se consubstanciam no individuo. Esse é o mais impressionavel por que é o mais sensivel. Esse é o que mais vê, por que é o que mais sabe, e aos olhos do corpo tem accrescidos os olhos longuissimos do intendimento illustrado. Esse mais facilmente se ha de namorar do austero encanto que respiram aquelles graves padrões, e do mystico iman de um mundo, tanto mais bello quanto mais depurado pela phantasia do que n'elle fôra tristemente humano.

Uma parte de ruina, uma parte de tradição, uma parte de monumento tem hoje a monarchia antiga. Os seus erros vão longe e cada vez se affastam mais. Os seus desastres desprendem-se das causas e commovem pelos effeitos. O seu infortunio solicita a indulgencia. Vai gradualmente ficando d'ella a poetica aureola, o saudoso crepusculo das cousas extinctas, que a rejuvenesce. Quanto mais recua na ordem dos tempos, mais se approxima no pendor de muitos espiritos a refazer-se novidade.

De certo a sociedade não retrocede. O ser collectivo, que se move pela força incontestavel das idéas, inclina a veneração, mas não detem a jornada diante de um affecto ou de um symbolo. Os moldes que são transmudam-se no que ha de ser, não se refundem no que foi. A successão é uma regra immutavel e geral do mundo. Estas predilecções são peculiares aos individuos e como ellas transitorias. Tanto o conhecem todos os que medem a vida politica dos povos com rasão despreocupada, que, se foram chamados das abstracções irresponsavelmente hypotheticas ás espheras rigorosamente praticas, não quereriam, nem poderiam quando o quizessem, contrariar já os novos costumes e as novas necessidades. Arrastam estas os mais renitentes e absorvem os mais pertinazes. É tão poderosa e já tão caudal a corrente, que os mesmos sacerdotes de um dogma constitutivo essencialmente adverso, levados na onda, são quotidianos infractores do principio que parece inspiral-os. D'esta involuntaria transigencia se infere a irresistibilidade do impulso. É esta indubitavelmente aquella cauta lei da Providencia, que, segundo a bella phrase de Guizot: «*emploie les siècles à élever toujours un plus grand nombre de familles et d'individus à ces bienfaits de la liberté et de l'égalité légitimes, que, dans l'enfance de la société, la force avait rendus le privilege de quelques uns.*»

Sem embargo, comprehende-se que muitos homens, demorando

o passo para meditar na estancia devoluta, deem a vida em holocausto ao culto da idéa augusta que ali vaguea. Só o não entenderia quem fosse inacessível a todo o toque generoso.

E é ainda um elemento fecundante. O grande trabalho não cessa nem mingúa. A actividade social é a mesma. Esta reminiscencia, que aspira ao proselytismo, como que remata e completa a harmonia. Modera ella o ardor que em breve seria cançasso. Enfrea as impaciencias que se precepitariam por cegueira. Rege a temeridade dos espiritos, retemperando-os salutarmente nas duas cousas — que já Royer-Collard asseverava serem as que mais depressa se enfraqueciam e gastavam n'este seculo — o respeito na ordem moral, na ordem intellectual a attenção. Póde-se finalmente dizer que modifica o fogo dos desejos na piedade dos tumulos.

Ao pé de toda a cidade viva ha uma cidade morta. Na cidade viva o bulicio das ruas, o jorro das emprezas, o enxamear das turbas, a ancia do tráfego, a altercação dos interesses, a versatilidade da fortuna, o favor e a porfia de tantas lidas e labores quasi não deixam vagar de discorrer. Na cidade morta, por que tudo em roda é já outro mundo, olha-se como de cima para as lastimas d'este, e mais de uma vez o que no concurso e apertão se nos representava grandeza, d'essa distancia parece-nos demencia. Ahí onde os pés se imprimem em cinzas, ande se ergue a cruz e o cypreste, onde se abraça a redempção e a morte, onde o infinito dá sombra ao finito, a placidez convida á paz, a soledade á cogitação, o silencio ao extase. Que se diria e pensaria se da Babylonia activa ninguem sahisse nunca a dilatar o coração por este ossuario dos avós tão cheio de advertencias?

Os que se desviam ou atrasam, para aguardar na mansão grave e triste o fim das tempestades, fortificando-se na oração e nas lagrimas, levam depois o gremio revolto, para o abonancar e reconfortar, um pouco d'aquellas confidencias do céo que se recebem nos degraus das campas. Este é tambem um serviço. Na voz do passado ha sempre licção e conselho!

Se o periodo efficaz de certas instituições declinou, é por que ha de ser eterna a verdade d'esta sentença, que o mesmo historiadore e juiz da nobreza europea não duvidou estampar á frente do seu *Livro d'ouro*: «tout est condamné à avoir raison ou à disparaître.» Se ellas porém já não tem acção motriz, são ainda util consulta. Assimelham-se á arvore que já não dá fructo, mas ainda dá abrigo. Ficou-lhes a auctoridade da experiencia e um logar na chronica dos grandes cyclos civilisadores.

N'este ponto do transito é facil comtudo differirem os juizos.

Esse capitulo cerrado, que representa uma missão cumprida, esse recanto da vasta necropole humana, que é a valla da historia ou seja pelos inlevos da meditação, ou seja pelas seducções da poesia, ou seja ainda mais pela fé herdada, pelas influencias da educação, pelas sympathias da infancia, pelas predilecções da juventude, é para alguns, não já a pagina cheia, não já a lapida cahida, senão o santuario de uma fé inexaurivel e de uma adoração perennal, como a dos primeiros neophytos da Igreja, que transformavam os crypos em capellas.

Naturalmente, no conceito d'esses a monarchia genuina ainda não deixou de ser, como na instituição primitiva aquella fórma patriarchal que tem a sua origem na familia. Os serviços de centralisação e unificação, que ella fez á sociedade chamando-a do isolamento inculto do feudalismo ás modernas congregações, devem constituir-lhe um titulo de perpetuidade. Ahi está a sua razão de ser por que essa foi a sua missão providencial. A anciennidade, a posse e a gloria confirmaram-lhe com a triplice sagração a investidura de um dominio inaleanavel. Dês que tomou por aliados o tempo e o céo, o direito estabelecido pelo costume e o direito transmittido pela divindade, quem ousará disputar-lhe com exito a preeminencia e o senhorio? As maximas de Bonald são eternas. N'aquelle novo *fiat lux* parou o giro do mundo. As bases da existencia publica immobilisaram-se desmentindo todos os seculos anteriores.

A paixão, como se vê, exagera as conclusões. Esse é o caracter d'ella que facilmente pinta os desejos em realidades.

Qui amant, ipsi sibi somnia fingunt

Todo o extremo excessivo trasvaza um cahos em que as noções se confundem, como os rios que sahem do álveo e cobrem as sébes. Mas é imparcialidade dizer-se que, se volvemos os olhos ao magnifico espectáculo d'essas épocas decorridas, nada se póde ver mais proprio para embevecer a imaginação nem para conciliar o respeito, mormente depois da renascença, e, digamos, *illuminura*, com que as tem ultimamente exornado.

Aquelle José de Maistre, que já mostrámos em opposição a Voltaire, exordiava effectivamente nas faldas do Monte-Branco a restauração do principio exclusivo da auctoridade, quando o philosopho de Ferney, defronte d'elle, se inclinava lentamente ao tumulto, que ia ser o degrau da revolução. Mas a mesma auctoridade, com presumir-se immutavel, confessou involuntariamente o movimento. Na nova escóla, ou antes na escóla antiga remo-

cada, a auctoridade fez-se providencia, e a mesma fatalidade, que é o fundamento de toda a ordem absoluta, tornou-se benevola e prestante: «le genre humain peut être considéré comme un arbre qu'une main invisible taille sans relâche, qui va toujours en gagnant sous la faux divine.»

Esta luz modificada diffunde ás perspectivas uma similhança d'aquella solemnidade que emanam as naves das cathedraes. Se os seus raios se condensam nasce d'elles uma theoria fulgurante, que, como todas as theorias, faz pouco dos factos, ou n'elles só respiga o que lhe convém.

Assim, o pensamento generoso das edades cavalleirosas sobre-sõe occultando a triste necessidade que o gerou. Assim, no brilhante arrojo das cruzadas as proezas da religião militante illustram aquelle longo periodo, realçando com a devoção e a gloria os resultados positivos da dupla elaboração social pela emancipação interna e pelas relações exteriores. Assim, a velha monarchia, magnificada por todos os modos em regiões ideaes, não acclama, não propaga, não recommenda senão os mais nobres principios e as mais graves auctoridades. Pelo texto do Exodo tira da excellencia da pessoa a rasão do privilegio: «*electis viris strenuis de cuncto Israel constituit eos principes* :» Pelo testemunho de Tacito deriva dos louros da patria a grandeza do soberano: «*principes pro victoria pugnant, comites pro principe*.» E se alguma vez os fastos inexoraveis da humanidade lhe exprobam com a díziva de Clotario: «*sanguine sceptrum rubent*», responde com o moto de Henrique IV: «*salus victis*». O systema em tal fórma exposto é mais que um systema, é uma inspiração. Não tem um tempo, não representa um élo. Confessa ascendencia, mas não admite prole. É um evangelho para crer, para seguir, para reverenciar. É o compendio de todas as perfeições, o regimento de todos os estados, e o guia de todos os tempos. Ha-de ser, por que foi. É a predestinação da sabedoria. É como um sol moral!

O encarecimento repugna á rasão; mas a crença politica superexcitada pela adversidade vem muitas vezes até aqui, e vem com a exaltação e a sinceridade da crença religiosa. Em tal elevação, abraçaram-se ambas facilmente, por que distam pouco.

Se a primeira tem para a abonar a nobreza dos sacrificios, podem acatal-a os que mais divergem, e apontando para o oblato, clamar com franca admiração: eis ali um homem!

N'este caso está Manoel Maria da Silva Bruschy, homem de veras, homem na tempera e no juizo, na segurança da palavra e na rigidez do animo, homem dos seculos passados pela opinião como pela inteireza, mas homem do seu seculo pela illustração

como pela amenidade, e d'aquelles de quem dizia o nosso Sá de Miranda

De um peito aberto e limpo e fé lavada!

Para o avaliar basta vel-o. A phisionomia retrata-lhe os dotes. O exterior responde ao interior. Tem no semblante a effigie do character. Olhae. Parece que Deus lhe rasgou aquella fronte espacosa para os grandes pensamentos do infortunio, que lhe contornou aquella bocca firme para as energicas palavras do conflicto, que lhe accendeu aquelle vivo lume dos olhos contemplativos para lhe esclarecer a alma, que lhe talhou aquella nobre cabeça tanto para a erguer no perigo como para a inclinar no estudo, parece emfim que lhe imbebeu a serenidade no rosto para a boa e má ventura, e lhe assentou nos lábios a affabilidade e a modestia para a benevola convivencia. O clarão da intelligencia superior, como um raio de sol n'uma paizagem severa, illumina-lhe esplendidamente a nervosa feição do estio viril, que as primeiras geadas avivam!

Os annos de Bruschy principiaram a viçar no meio das tempestades revolucionarias. O ferro da conquista na occupação franceza tinha arado a terra a que o tufão da grande procella europea despargira a semente dos modernos principios. Em quanto uma sociedade nova germinava occulta n'aquelles sulcos, a sociedade antiga, pôde dizer-se, refugiava-se com a corte no continente americano, e levava ao Brazil a primeira idéa da independencia. Bruschy nasceu entre as preocupações, os receios e os odios d'essa transmigração, que foi um funestissimo indicio da caducidade da antiga realza. No berço o acalentaram os terrores d'aquella temerosa innovação, que arrancava pela raiz as dynastias, que aluía pela base os thronos, que sacudia ao chão as coróas como fructos maduros, e alguma vez com as coróas as cabeças. Napoleão era a espada de 93, a personificação d'esta monstruosidade pavorosa. A dictadura imperial não representava nenhuma das idéas de direito recebidas no mundo que se dissolvia. Para os legalistas significava o retrocesso aos tempos de anarchia e barbarie em que só a força dava o sceptro, e em que

Le premier qui fût roi fût un soldat heureux

Para os supersticiosos era como um anjo de Apocalypse, nuncio de exterminios, executor das vinganças celestes ou precursor do universal cataclysmo. Para os soberanos era um meteoro devorador. Para os povos um enigma terrivel.

¶ As velhas monarchias, por toda a parte vacillantes, seguiam com o horror e a maldição o capitão victorioso, que no seculo xix renovára a audacia de Promotheu, para acabar repetindo os seus tormentos. Mas ainda mais que o homem execravam e abominavam ellas as idéas que o tinham procreado. Ao redor d'aquelles thronos decrepitos e aterrados, por que lhes fugia o solo e se lhes derruiam as bases desconjunctadas, tudo era espanto e aversão. Eis as impressões de Bruschy na idade em que ellas são indeleveis. Á sombra, proxima do solio, maior era ainda a paixão e o enleio, e mais profundamente se haviam de gravar taes impressões n'uma imaginação virgem.

Aportando ao reino em 1824, Bruschy veiu achar a peripecias de uma lucta, que as doutrinas bebidas com o leite lhe qualificavam de sacrilega. Os artigos da sua fé eram postos em duvida. O que lhe haviam ensinado a acatar como dogma entrava inopinadamente em litigio, e a meude era julgado, ou antes jogado, pelas insurreições. A jurisprudencia das bayonetas appellava diante dos seus olhos para a ultima estancia dos campos de batalha. Era ahí que se decidiam as verdades da sua infancia!

Doloroso espectaculo para um animo crente, mas ao mesmo tempo vertiginosa atracção para um espirito juvenil e naturalmente ávido de novidades! Seja qual for a discordancia de opiniões e de escólas, a imparcialidade não póde recusar a estima a este nobre instincto de fidelidade, que, em ares tão varridos de vendavaes e n'um horisonte annuveado por taes borrascaes, serve de estrella e de norte ao mancebo inexperiente.

A decada de 1820 a 1830 é um dos periodos mais notaveis e curiosos da nossa historia contemporanea.

A revolução de 24 de Agosto de 1820 tomára fogo com uma forte explosão do sentimento nacional, longamente humilhado e represado pela onerosa e já intempestiva dominação britannica. A regencia tornára-se instrumento docil nas mãos de Beresford, investido n'um proconsulado systematicamente hostile aos interesses portuguezes. A prolongada ausencia da corte déra á Inglaterra o duplo e immenso lucro de transferir o commercio do Brazil para mãos inglezas, e de conservar na metropole, até muito depois da paz, e tão realmente como antes d'ella, uma soberania directa, exercida com intuitos politicos infestos ao paiz por um general do governo britannico, á inteira disposição do qual tinham sido postas todas as forças portuguezas. Os homens esclarecidos viam com dor este excesso de pressão. O zelo disciplinar da Inglaterra, ainda não saciado com o mercado vastissimo que nos subtrahira na America, tendia a reduzir-nos no continente á triste

situação de colonia militar de Gram-Bretanha. Com tal idéa sublevaram-se os antigos brios, em que ainda viçavam louros recentes; e a desgraçada tentativa de 1817 deu o primeiro indicio da impaciencia que violentamente lavrara nos espiritos. O supplicio horrivel que se lhe seguiu exacerbou os animos: ficou-os secretamente instigando a pena infamante inflingida ao infeliz Gomes Freire, com uma precipitação tanto mais suspeita quanto maiores eram os meritos da victima. A revolução do Porto foi o resultado d'este estado incomportavel. O alvoroço com que foi recebida e saudada do povo, sem obstaculo serio que então selhe oppozesse, manifesta como ella andava já no pensamento e no coração.

O congresso que se reuniu e a constituição que safu d'elle eram formulas diffundidas e acceitas. A revolução consagrou-as. Posto que o primeiro mobil fosse originariamente, como fica dito, a indignação contra um dominio estranho e gravoso, e contra uma subservencia opprobriosa, o impulso estava dado e não era possivel parar.

Fôra porém milagrosa excepção se tal mudança como esta nas condições de um estado, e nas suas relações com o poder, se estabelecesse definitivamente sem porfias nem conflictos. O passado tinha ainda raizes profundas; o presente balbuciava. O congresso por timidez natural, por extranheza de uma situação nova para o paiz, ou por cegueiras de presumptuosa confiança, contentára-se com um vocabulario esteril, e não tratára de fazer corresponder em todo o circulo das instituições os factos ás idéas. Com esta imprevidencia ganharam animo os adversarios da nova ordem de cousas, que o primeiro lance como que fulminára. A recusa da rainha ao juramento da Constituição annunciou a conjuração latente, e, com alentar os mais desacoroçados, indicou aos menos timoratos onde estava o centro da resistencia. Do congresso saíra para as córtes geraes uma facção arrogante, que, avassalando os ministros e enfraquecendo-lhes a acção e a auctoridade, involuntaria mas effizamente auxiliava a reacção já poderosa. A politica exterior desfavorecia tambem estes primeiros ensaios do regimen liberal. Por um lado entibiava-os a entrada dos cem mil francezes do duque de Angoulême em Hespanha; pelo outro incitava as esperanças oppostas a revindicta da politica britannica d'esse tempo, que não perdoava á revolução a exoneração dada aos coroneis inglezes do commando dos regimentos portuguezes, nem a prohibição de desembarcar intimada a lord Beresford, quando voltava do Rio de Janeiro munido dos poderes exorbitantes que ali fôra extorquir, e que houvera a fraqueza de lhe conceder.

Os acontecimentos, em grande parte ainda tenebrosos, de 1823, 1824, 1826, e 1828, resultaram do antagonismo do novo e do velho espirito, cada vez mais irritado um contra o outro, até que a revolução franceza de 1830 mudou novamente todas as condições de influencia externa. As contendas e as calamidades d'este periodo funesto fizeram mais do que prejudicar as pessoas, apoucaram e abateram o principio vital da monarchia antiga. A idéa que lhe disputava o logar triumphou nos factos, quando a mesma politica de reluctancia, que em 1823 desfez o primeiro codigo da revolução, foi obrigada a pactuar com esta, prometendo uma nova constituição e reconhecendo a diversidade dos tempos. A realza nos proprios esforços que fazia para conservar todos os attributos de exclusivo imperio manifestava a sua impotencias enil. Mesclando-se nas conspirações, nas ciladas, nas alternativas, nas pugnas, nos delirios e nas catastrophes, descia do pedestal augusto a que a haviam exalçado os seculos, desataviava-se voluntariamente das mais preciosas insignias da superioridade moral, expunha a auctoridade aos baldões, e approximava-se demasiadamente com as paixões e as fraquezas da humanidade ao vulgo, que passa facilmente da adoração servil á insultante irrisão.

Desgraçadamente, os poderes constituídos são muitas vezes achacados d'aquelle imprudente pruido, a que o padre Manoel Bernardes com a sua natural propriedade chama: «fervenças do corpo que se não governam pela razão.» A stricta letra das leis, letra muitas vezes morta ás suas mãos, e por isso exauthorada, é então o tardio e insufficiente refugio. Triste recurso quando para elle se appella na extremidade! Não só a rigidez intempestiva se faz suspeita; mas as leis, e sobretudo as leis de organização politica, não podem ter por natureza a immobildade. Devera por isso andar sempre na memoria de todos os estadistas este preceito do velho Horacio eternamente applicavel como todas as verdades,

.....*Quid leges sine moribus
Vanæ proficiunt?*

De um e outro lado haveria n'esta conjunctura, como ha sempre, interesses pessoacs acobertados com o pretexto do bem publico. Mas as consciencias firmes, que sinceramente accreditavam na excellencia relativa dos seus systemas, seguramente se honravam nas porfias que vinham do convencimento tendo por alvo a restauração da prosperidade nacional.

Entretanto, a transformação social operava-se irresistivelmente.

Se a linguagem é o espelho dos pensamentos, nas innovações da linguagem politica se foram successivamente reflectindo as cambiantes do espirito publico. No meio d'esta rapida metamorphose se desenvolveu a adolescencia estudiosa de Bruschy; e se do movimento politico só naturalmente lhe chegavam os eccos, eram estes por vezes tão estrepitosos, que por força lhe haviam de chamar a attenção. As suas crenças todavia não foram abaladas, antes por ventura se roboraram e fortaleceram na piedosa reverencia do culto que lhe fóra transmittido. Entre as agitações da opinião se exercitava domesticamente no difficil noviciado d'aquella fé contemplativa, que poem acima das instabilidades do mundo as inspirações e os affectos da educação.

Do ponto de vista philosophico muito certamente, se poderia discretear e discursar ácerca das doutrinas de que Bruschy tem sido inflexivel sectario. Não entra porém nem a cathechése nem a controversia no intuito d'estes esboços. Quando se quer apreciar a physionomia d'esses «intrepides theoristes d'une pensée,» como lhes chama Sainte-Beuve, abstrahe-se das discrepancias de opinião, e aceita-se o homem como elle é pelas causas que o influiram e pelas rasões que o determinaram.

De 1830 a 1831 teve logar a primeira appareição de Bruschy na Universidade de Coimbra. Foi apenas uma passagem. As mudanças politicas levaram-n'o em breve ao desterro, de que outros apenas regressavam. Triste exemplo das inconstancias da fortuna, e ainda mais das deploraveis alternativas da guerra civil, que os triumphos para uns são sempre infortunios para outros!

Mas o foragido da patria era peregrino da sciencia, e ahi onde parava não lhe consentia ociosidades a avidez do espirito sequioso. Com estas disposições o achámos seguindo em França o curso da faculdade de medicina até 1837.

N'este anno porém a sua vida, já tão variada, entra subitamente por diverso e mais aventuroso caminho.

Em Hespanha estavam então as esperanças dos que tinham conservado a devoção do anterior regimen. Havia já mais de tres annos que uma lucta pertinaz atrahia para ali os olhos da Europa agitada de commoções successivas. O principio constitucional hesitava n'estas turbações, que eram como os estremecimentos consecutivos ao grande terremoto.

A abolição da lei sálica originára uma nova guerra de successão. Um mez depois da morte de Fernando VII, em 1833, a Bisca ya estava insurreccionada. A perseverante Cantabria foi sempre ciosa das suas franquias territoriaes. *Cantabros indomitos ferre jugo.* Vivem ainda ali as tradições d'aquelles *homens bons* de outras eras

de quem escreve Escosura que «acudian facil y resueltamente a las armas.» A uniformidade nas instituições era pois essencialmente antipathica a um povo affeito a excepcionaes isempções.

Ateára o fogo mais um interesse municipal do que um sentimento verdadeiramente monarchico. Mas, n'aquellas singelas populações em que é omnipotente o costume, a tradição não se parava das antigas prerogativas da soberania a conservação d'estas immunidades como cousa que sempre lhe andára tão vinculada. Facil foi portanto confundir com a causa do principe que disputava uma herança, *rex futurus, rex venturus*, a causa do povo que zelava os seus privilegios locaes.

D. Carlos tinha um exercito, e a Hespanha tinha a sua Vandéa!

Era com effeito a Biscaya a Vandéa hespanhola, como o Algarve por aquella mesma época estava sendo a Vandéa portugueza. Tal a Vandéa se armára pelo seu culto, tal a Biscaya se sublevava pelos seus fóros. Se aquella se embuscava no labyrintho das suas mattas, entrincheirava-se esta nas fragosidades das suas serranias. Occultava na primeira cada silvado um inimigo, as brenhas na segunda abrolhavam-se de improvisos soldados. Reviviam os Charrete e os Bonchamps. O entusiasmo e a fé eram iguaes em ambas. Em ambas teve a guerra um singular caracter de energica rusticidade. Em ambas foi muito tempo inefficaz a regularidade e a disciplina. Ali a insurreição, como Antéo, crescia em forças abraçando a terra. Era preciso um Hercules para suffocal-a sopezando-a nos braços.

Já hoje vemos a distancia esta portentosa contenda, e podemos julgal-a sem paixão. As memorias da heroicidade attenuam o horror do fratricidio!

Os esforços para comprimir o movimento são estímulos que o propagam. Santos-Ladron cahe fusillado nos fossos de Pamplona, e como incitados do seu sangue surgem, uns depois de outros, Merino, Cabanero, Orejita, os Tristany, Gravet de Monschet, Llarch de Copons, o Cura de Dallo, e centenaes de caudilhos, que o mesmo espirito anima. O incendio lavra pelo Aragão, das Asturias chega a alcançar a Galliza, communica-se a Valencia, e quasi ameaça Madrid. Ahi a froxidão natural de uma regencia, a divisão dos liberaes e as agitações dos *cummuneros* facilitam os progressos do principe pretendente. No proprio recinto do palacio, junto ao leito mortuario do rei que succumbira, havia presagiado o antagonismo rancoroso das facções a sanguinosa aurora que alvorecia na Hespanha. Calamarde obstinára-se, Christina exacerbára-se. Zea-Bermudes sobrevem de Inglaterra chamado ao poder. O Estatuto não satisfaz as aspirações de um

grande numero. A influencia ephemera do marquez de las Amarillas congrega um bando duvidoso, sem força para dominar, mas bastante para empecer. Finalmente, os homens que na cõrte só pensam em mutuamente se derribar não teem tempo nem accordo para acudir ao perigo, que n'estas porfias se faz cada vez mais urgente.

O grito de: «viva el-rei neto» sôa nos muros de Elisoñdo. A derrota de Valdés nas Amezcuas abre o campo a D. Carlos. Este entra em Navarra. A ousadia e os talentos militares de Zumalacareguy submettem-lhe uma parte consideravel do paiz e organisam-lhe forças respeitaveis. Se em 1835 lhe não foge a fortuna com a vida, a corôa das Hespanhas passa do berço de Isabel para a cabeça de seu tio.

O partido carlista porém, avantajado e robusto como está, não cede a um enfado da ventura. São já agora precisas longas campanhas. Não o esmoreceu a catastrophe. As operações proseguem sob outros chefes. Gomes, Eguia, Elio, Garcia, Maroto e o heroe de Morella dirigem as columnas e multiplicam as aggressões.

Mas esta guerra pelega-se no paiz que das charruas faz espadas. A bellicosa geração de 1811 transmittiu os seus espiritos á geração de 1833. O Empecinado e o Marquezito deixaram herdeiros. Mina e Riego tem discipulos. Os bandos e as partidas, que na pugna da independencia mereceram por seu ardente patriotismo a justiça da historia nas mais bellas paginas dos proprios generaes inimigos, brotam ali com brava espontaneidade das veigas, das selvas, dos casaes, das penhas, pela chan dos mattos e pela cuspide dos montes. Foy e Marmont saudal-os-hiam como antigos conhecimentos.

Ha só uma differença: o sentimento nacional tornou-se em furia partidaria. Os inimigos são do mesmo sangue, da mesma terra, da mesma creação, e amaldiçoam-se na mesma lingoal! Terrivel differença, que substitue á nobreza a impiedade!

Os christinos aprestam-se, oppoem-se, vagueam como os carlistas. Levanta-se povoação contra povoação, arma-se campanario contra campanario, embate-se troço contra troço. Cruzam-se com as evoluções estrategicas as excursões e as correrias. Aos cabos de miqueletes de D. Carlos correspondem do lado contrario El Pastor, Castagnon, Barnachea e Zurbano. A conter e rechassar os seus generaes accorrem sccessivamente Oráa, Espartero, Maiz, Narvaez, Rivero, Nogueras, o barão de Meer e o infeliz Leon. Travam-se as grandes operações e complica-se ao mesmo passo a pequena guerra. Por este modo a fortuna das armas alterna-se e equilibra-se mezes e annos de parte a parte.

Se por um lado os cruzeiros francezes e inglezes favorecem as operações dos christinos, se marcha de Portugal uma divisão auxilliar, e Evans assalaria outra, a santa alliança e as córtes dos ducados italianos por sua parte auxiliam em todos os modos o principe pretendente. A revolução da Granja anima as suas emprezas, manifestando a perturbação que agita as regiões governativas de Madrid. A occupação de Cracovia pelas forças combinadas da Russia, Austria e Prussia fixa n'outro ponto a attenção dos gabinetes de Londres e Pariz. A mesma França diástrahida pelo temerario commettimento de Strasburgo, e pelo recente attentado do regicida Meunier, successor e imitador de Alibaud e Fieschi, está sob a impressão do sobresalto. Em Portugal, Rachado e os dois Remechidos nas agruras de Monchique, e Baioa nas charnecas do Alemtejo, incitados do exemplo visinho, prolongam ainda as ultimas e desesperadas convulsões da lucta, que as discordias dos constitucionaes favorecem tambem.

Tal é a situação de Hespanha, e tal está de redor d'ella a Europa em 1837, quando Bruschy fechando os livros cinge a espada para ir quinhoar as temerosas contingencias, e as trabalhadas lides d'aquella continuada batalha. Faltava ainda á sua religião politica este baptismo do perigo, tão appetecido e tão sonhado dos que d'essa religião não fazem uma especulação mercantil. O mancebo seguia o natural pendor dos seus annos, das suas crenças, e dos seus brios. N'aquella idade feliz ainda os desenganos não teem arrefecido o ardor nem entibiado ás aspirações.

Bruschy, militando no valente exercito de Navarra, só voltou a França com o intrepido e audacissimo Cabrera, o ultimo que abandonou o campo.

Os povos meridionaes levam sempre ao extremo as paixões e as virtudes. Como que o sol se lhes infiltra até ao coração. Em taes temperamentos não ha sacrificios parcimoniosos nem affectos prudentes. A dedicação vai muitas vezes até ao heroismo e a vingança até á ferocidade. A guerra n'estes povos, e sobre tudo a guerra civil, é uma serie de peripecias terriveis, uma prolongada alternativa de acções-magnanimas e de represalias atrozes. A guerra de Hespanha era tudo isto, e era mais um mixto assombroso de inopinadas marchas, de subitos arrojios, de atrevidos movimentos, e de hardidas emprezas.

N'estas campanhas, tão variadas de combates e de assedios, tão cortados de exterminios e de exicios, o esforço nos riscos, a constancia nos revezes, a abnegação nos trabalhos, a serenidade nos conflictos eram condições indispensaveis e prendas

quotidianas. Quem por ellas lograva distinguir-se tinha por força uma tempera de animo e uma energia de espirito muito acima do commum. Bruschy mereceu e alcançou essa distincção, e quando encostou as armas, depois de jogado o ultimo lance, levava n'ellas ainda verdes os louros. Enobrecendo assim o nome portuguez deu luzimento á patria, fosse qual fosse a divisa escolhida. Duplicava, sob a sua bandeira, as honras que outros seus conterraneos, nas fileiras oppostas, competindo em gentilezas de valor, tambem por sua parte não desdouravam.

Bastará contar um rasgo para se ver e avaliar como taes louros eram ganhos, e com que braveza os disputavam homens, que, para em tudo serem irmãos, até o eram na grandeza do esforço.

A estrella de D. Carlos, annueada no espantoso combate da ponte de Luchana, que descercára Bilbáo, sempre fatal aos carlistas, fulgira de novo em Morella. Cabrera operando sobre o Ebro levára a cabo assignalados feitos. Parecia d'aquelle lado acenar a fortuna. Convidado por ella, resolveu e effectuou o principe uma forte expedição composta da flôr do seu exercito. Bruschy fazia parte das tropas d'esta expedição no posto de alferes do 4.º batalhão do regimento de Castella.

Mal succedido no commettimento, D. Carlos foi obrigado a retroceder precipitadamente. Como emprehendesse a retirada para a Catalunha, apertando-o os inimigos na passagem do Cinca, afluente do Ebro, o batalhão de Bruschy sacrificou-se para proteger e salvar o exercito e o seu regio chefe. Tomando posição na margem aberta aos ataques de um inimigo vencedor, numeroso, e empenhado, como se póde suppor, em colher a expedição fugitiva, os novos Spartanos d'esta nova Thermopylas offerecem-se em voluntario holocausto sem mais esperanza que a morte, emquanto na sua rectaguarda se cortam as pontes ou se obstruem os accessos. O batalhão de espaldas para o rio espera o inimigo com a resolução do stoicismo antigo. Ameudam-se contra aquelle inesperado baluarte de homens as cargas furiosas de infantaria e de cavallaria; accommettem-n'os, impellem-n'os, comprimem-n'os; involvem-os um turbilhão de ferro e fogo; e elles impávidos, com as fileiras cruelmente rareadas, mas sempre com a mesma heroica firmeza; resistem sem afrôuxar. Parece cada um inspirado da sublime abnegação de Henrique de Larochejacquelein quando exclamava: «si j'avance, suivez-moi; si je recule, tuez-moi; si je meurs, vengez-moi.» Tem a historia poucos exemplos que se comparem com este, e o povo que os dá é um grande povo. Quando se narram taes feitos é a veneração quem entrega a palma aos martyres.

Os restos mutilados do immortal batalhão só descansam as armas, sobre quinhentos dos seus fóra de combate, quando não ha já um cartuxo!

Bruschy, apesar de ferido, conservára-se no seu posto. Uma derradeira carga de cavallaria arroja á orla do rio os pelotões que ainda estão de pé. O moço alferes, levado de roldão ante o irresistivel impulso, affasta-se de rosto para o inimigo, e cahe onde o chão lhe falta debaixo dos pés.

Luctando com a corrente e enfraquecido pela ferida é feito prisioneiro.

N'esta situação o perigo não é menos eminente. Todos sabem o que era ser prisioneiro então!

Estando no deposito, consta que dois alferes christinos tinham sido passados pelas armas á ordem de Cabrera, e resolve-se logo corresponder-lhe com atroz symetria. O *parcere subjectis* é ali pouco praticado. A occasião era opportuna. Ordena-se que entre os prisioneros carlistassejam sorteados dois alferes. Bruschy, promovido em consequencia dos seus recentes e brilhantes serviços, é já áquelle tempo tenente. No deposito porém não lhe reconhecem a patenle, e entra forçadamente na pavorosa loteria.

Trances d'estes mais se imaginam do que se descrevem. Cabe-lhe a sorte, isto é, tira da urna a morte, e a sua prisão converte-se em oratorio.

As execuções em Hespanha sempre foram summarias. Era ao menos uma consolação para os condemnados.

O pelotão que vem buscal-os para os fuzillar já lhes estancêa á porta. Era de tarde. Os dois companheiros d'armas e de supplicia, pela ultima vez, Deus sabe com que pensamentos, saudam o sol e o dia, — um dia sem sequencia de aurora na mais bella estação da vida. Esperam a cada momento a voz de marche com a eternidade em frente!

Arrastam-se horas apoz horas n'aquella agonia terrivel. Vae-se a tarde, passa a noite, adianta-se a manhã immediata. E o fatal pelotão sempre á porta! E os prisioneiros, antes os moribundos, penando as acerbas incertezas d'esta excruciante expectativa! Mal sabe como opprime o tempo quem nunca sentiu sobre si alguma dilacão d'essas que pesam annos. Mal sabe como os momentos adormecem, e com elles se alonga a desesperaçã, quem nunca mediu essa anciosa impaciencia de um demorado tormento.

N'esta suprema angustia, o animo de Bruschy, conforme o conceito magnifico de Lucena: «de si se esforça em sua virtude involto.» A risonha placidez, que lhe é costume, não se altera. Encara aquella negra morte com tal hombriedade, que escurece

as bizafrias do campo de batalha. Nenhum terror póde já render a energia de uma alma superior a taes incertezas.

D'onde provinha a extranhissima delonga? Era um requinte de barbaridade? Não. Era um accidente propicio.

Quando já a execução estava determinada, verificou-se que os alferes christinos estavam incolumes, e que o fegoso Cabrera só ameaçava fuzilal-os se os prisioneiros do seu heroico batalhão fossem molestados. O general da rainha revogou immediatamente as severas ordens, que passára ao commandante do deposito.

O commandante porém não teve tempo de communicar aos agonisantes a sua miraculosa redempção. Uma tarde, uma noite, e uma manhã lhes protrahiu a horrivel duvida... por que se não podia interromper. Absorvia-o um cuidado que não consentia outros.

Estava jogando!

Era uma rasão essencialmente hespanhola. É sobre tudo um traço precioso de character individual. Póde ser tambem um indício do gráo de indiferença a que havia chegado o apreço da vida!

As victorias de Ramales e Guardamino, a promessa de respeitar os foros, e uma serie de combates felizes deram aos generaes da rainha as chaves das provincias vascongadas, pacificando o Norte com o convenio de Vergara. Nem este golpe, nem o regresso de D. Carlos a França fizeram cahir as armas da mão a Cabrera. Persistindo contra todas as forças constitucionaes, prolongou ainda mezes a lucta, e não passou a fronteira senão depois de Morella capitular. Bruschy, tendo estado um anno preso em Saragoça, seguiu-o além dos Pyrenéos. A sua carreira militar, já tão distincta e auspiciosa, estava para sempre quebrada.

Tornando á patria, Bruschy perseguido de revezes, mas ainda mais incitado por elles, faz rosto á fortuna, e, encetando sem desanimar nova estrada, volta á universidade com o auxilio generoso da familia Palha, e ali frequenta o curso juridico.¹ N'esse curso, companheiro e émulo de muitos claros ingenhos, que o tornaram um dos mais memoraveis nos annaes universitarios,

¹ Citando esta circumstancia e esta familia, offendo provavelmente o recato das suas liberalidades; mas faço-o, devo dizel-o, para cumprir um preceito. Solicitando do sr. Bruschy algumas informações relativas aos factos da sua vida, uma só me quiz dar, mas essa exigindo-me expressamente que a mencionasse. Esta informação é a que se comprehende na circumstancia citada. O rasgo desenha o hámem. De si mesmo só guarda, e só divulga, o agradecimento. É tão trivial o contrario que semelhantes exemplos consolam, e é obrigação não os occultar quando tanto abonam, e com tanta egualdade elevam, assim os que inspiram como os que possuem taes sentimentos. A singelesa d'esta nota, que em verdade cala mais do que diz, não deve offender os melindres de nenhuma modestia.

obteve a honra de ser premiado, — honra que a concorrência de meritos tornava insigne, — merecendo com o premio o applauso de collegas, que á porfia o estimavam e presavam como a singular amigo.

Nos bancos onde se assentára como discipulo começára Bruschy a traçar e dispor uma obra de mestre. Acabando a formatura, deixou essa obra como monumento da sua superior capacidade e profunda applicação. Era isto em 1845. As *Annotações a Waldeck* mereceram para logo os elogios dos mais competentes juriconsultos. A *Gazeta dos Tribunaes* d'esse anno, avaliando os meritos relevantes da obra, argue só a demasiada modestia com que o author, ao revez de muitos, procura no prologo deprimir a valia do seu trabalho. Na sua *Historia do Direito Romano* o doutor Henriques Secco inclue o nome de Bruschy na lista dos principaes romanistas portuguezes, dando ás *Annotações* a significativa qualificação de «preciosas.»

Como se tal prova ainda não bastasse para dar pregão do seu nome, Bruschy, tão conhecido e apreciado já dos homens especiaes, quiz a confirmação de um suffragio mais geral, vulgarizando em beneficio publico a sciencia que enthesourára. Em 1849 uma brilhante e estudiosa mocidade estabelecêra no Gremio Litterario cursos nocturnos, iniciativa honrosissima, que, se fora seguida com mais perseverança, podera ter produzido admiraveis resultados. Bruschy encarregou-se de leccionar um dos mais uteis e difficeis entre aquelles cursos, o de *Historia do direito romano*, que deixou maravilhados e saudosos quantos lograram ouvil-o.

Todos estarão ainda lembrados da impressão, que produziram n'um auditorio verdadeiramente selecto aquellas prelecções, em que parecia reflectir-se a magestade do assumpto. Viu-se então que talento ali estava. A phrase correcta e sobria do orador captivava sobre tudo pela alteza do pensamento e grave lucidez da dicção. A aridez da investigação não lhe apparecia na palavra fluente. A clara e methodica exposição das diversas épocas de codificação das leis romanas foi um agradável surprehendimento para muitos, a quem só o nome das Institutas e das Pandectas arripiava de terror, e um secreto desgosto para alguns Heinecios mysteriosos, que affectavam ares sibyllinos quando alludiam a estes inacessiveis arcanos. Com rasão um auctorizado escriptor chamou n'essa época a Bruschy «novo Flavio.» Nos desenvolvimentos das suas theses uma erudicção substancial alimentava a claridade do discurso, e facilitava de tal modo a comprehensão, que se tomava quasi por uma segunda revellação. A sciencia fazia-se humana.

Tudo o que respeita ao direito romano, se interessa o juricon-

sulto como rasão escripta das modernas legislações, não menos interessa o historiador como lei viva do mundo antigo. Mais de uma vez este, como Gibbon, como Niebuhr, inquirindo nos codigos dos povos o segredo das sociedades mortas, descobre novas relações que illuminam os mais arduos theoremas. Bruschy, superior aos exclusivos schollares como verdadeiro filho do seu seculo, e comprehendendo estas verdades, assim no curso oral como na obra impressa mostrava-se d'aquella alta escóla de philosophia, que se apropria de todos os subsidios para encadear, diffundir e popularisar as idéas prestantes.

O official do exercito de Navarra fizera-se em pouco tempo escriptor, romanista e orador: applicava ao estudo a mesma constancia, a mesma energia de vontade, que nos campos lhe tinha grangeado os primeiros louvores, e que de Deus recebera como um privilegio concedido a poucos.

Subindo á tribuna politica da imprensa, Bruschy tornou-se em breve um dos mais eximios publicistas do seu partido, como seria em litteratura um critico sagaz, se tentasse aperfeiçoar o que alguns ensaios seus auguraram, ou quizesse allumiar com os fortes estudos da boa arte a veredá que uma intuição apenas lhe apontára.

Não tem a republica, moral e materialmente, mais operoso, mais ágro, nem mais dessaborido officio do que esse de jornalista. As comparações mythologicas do tonel das Danaides e do rochedo de Sisypho, applicadas ás folhas periodicas, apesar de tão servidas, são sempre opportunas por que não as ha mais verdadeiras. Não se acha em similhante lida uma interrupção para repouso. Nunca a obra se completa, nunca a voragem se enche, nunca a roda se fixa. É cada dia uma nova pagina, cada anno um capitulo diverso. A chronica devora a vida, sem que a vida possa alcançar a chronica. Ha-de o jornalista estar sempre instruido e inspirado para intender em tanta variedade de assumptos, para replicar em tanta complicação de controversias. Ha de, como n'uma praça sitiada, acudir sempre á brecha. Ha de, como n'uma esgrima continua, aparar a cada momento os botes e as fintas. Ha de multiplicar as suas faculdades, forçar os seus instinctos, desflorir a sua imaginação. Ha de fazer do seu estylo, embora lhe seja outra a indole, um instrumento rapido como o raio, incisivo como o ferro. Ha de sacrificar-se ao repente, fugir á meditação e ser escravo da celeridade. Ha de antecipadamente, scientemente, offerecer em holocausto á injustiça, á iniquidade, á paixão as qualidades do seu espirito e as da sua alma. Ha de metter no coração os impetos que lhe acodem á penna. Ha de disfarçar a febre que o queima. Ha de occultar como uma

vergonha os nobres estremecimentos da indignação generosa, para não dar á impudência as armas do sarcasmo. Ha de, se é sincero, arrostar as ironias que lhe insultam a fé. Ha de, se é melindroso, expor-se aos vilipendios que lhe affrontam o decoro. Ha de enfim armar-se de insensibilidade contra o erro, contra a invectiva, contra a calumnia, contra a ignorancia e a perversidade.

E para que? Todo este trabalho, todo este afinco, todo este sacrificio, todas estas partes da propria vida tão de dentro arrancadas são espargidas n'uma folha que se desprende, voltéa um momento, e passa para sempre. O vento que a leva lhe apaga até a memoria. Amanhã nêem ha já vestigios.

Com ser já de si tão ingrata e ingloria tarefa, ainda os abusos e desregramentos dos que a depravam a tornam sobre difficil dolorosa. Quando a liberdade é uma religião a imprensa é um sacerdocio. O escrupulo e a probidade, que não excluem a consciencia e a energia, são os seus naturaes attributos. Mas sob a invocação do principio salutar está muita vez a licenciosidade ignara e infrênne. A imprensa então faz-se um torpe soalheiro. Já não respeita nem o pudor da lingua, nem a decencia da escripta, nem a dignidade da rasão, nem o sanctuario da familia. Não respeita nada por que se não respeita a si. Com a phrase ignobil, com o cynismo abjecto, com a allusão grosseira, com o ardil boçal, com a triste impunidade do desprezo, com a aleivosia e a ignominia envergonha o paiz e exauthora as instituições. Manchando as insignias das suas augustas funcções, faz-se cortezã da plebe, faz-se adulara dos infimos instinctos e dos invejosos rancores. Não ha mais vil lisonja nem mais brutal poder!

Por desgraça existê tambem ahi, ao pé da imprensa grave, esta imprensa bastarda, ou antes esta degeneração da imprensa, talvez para contraste providencial d'aquella. Ao jornalista consciencioso e crente duplica ella o sacrificio com o tedio que inspira, fortalecendo-lhe ao mesmo tempo os brios com os agastamentos que provoca. Com adversarios sem fé a contenda é sem honra. Desegual é o repto quando de um lado estão as armas do raciocinio e do outro as da perfidia. Não é uma lucta de opiniões, é uma téa de cildas. Todavia o acre estímulo invalesce a vontade, que se retempera n'estas contrariedades, e sáe mais vigorosa á peleja.

Na sua já longa pratica da imprensa periodica, Bruschy passou de certo por todas estas phases e sondou todos estes escólhos. Mas ahi tinha occasião de provar a inalterabilidade da sua fé, e não era preciso mais para lhe estimular o animo n'esta nova campanha.

É com effeito o jornalismo uma verdadeira milicia intellectual, muito semelhante á outra na multiplicidade dos incidentes, na ra-

pidez das manobras, e na actividade dos movimentos. Bruschy achava ali os dois principaes elementos da sua anterior existencia e achava-os tomando na vida publica, do unico modo que a rigidez das suas crenças lhe permittia, o logar a que lhe davam incontestavel direito a capacidade e o character. Assim se fez homem de hoje pela logica dos factos. Posto que pertencesse a outra sociedade pelas tradições, era já d'esta pela sua parte de elaboração na obra commum do pensamento.

N'uma redacção collectiva não ha selecções, nem é possivel designar primazias. As individualidades desaparecem pela sua absorpção no corpo moral. A opinião comtudo attribuiu por muito tempo a Bruschy os artigos em que a subtileza conceituosa e a sisudeza da concepção sobresahia ao lavor dos adereços e ás louçanias do ornato. Deu-lhe ella por isso um logar entre os seus collegas, que, sem offuscar ninguem, muito contribuiu para lhe subir os creditos. Merecer tal suffragio, e em tal situação, basta para gloria.

Infelizmente, os desconcertos frequentes, e as difficuldades practicas dos nossos governos tem dado sobeja rasão ás criticas, facilitando a missão aos censores systematicos de um regimen muita vez illudido na execução. Por outro lado, os descomedimentos mutuamente diffamatorios dos antagonismos facciosos ministram armas quotidianas, tanto mais perigosas quanto maiores são os talentos que as aproveitam!

Voluntariamente affastado das espheras em que se exercem as mais legitimas ambições, circumscripto pela propria resolução aos limitados arrayaes de uma politica de abstenção, e já agora todo entregue ao Fôro, que lhe refloresce as palmas juridicas, Bruschy deve, não aos lances do acaso, como tantos, mas unicamente a si, á sua inabalavel perseverança, ao valor intrinseco dos seus méritos, o conceito universal, que o levanta aos olhos dos seus concidadãos de todas as opiniões.

Copiando S. Paulo dizia o nosso sentencioso Heitor Pinto: «ha no homem dois homens; um, o homem velho que trazemos de Adão segundo a carne; o outro, o homem novo que trazemos de Christo segundo o espirito.» Vieyra completa a definição com o preceito: «os homens de bem hão de regular suas acções por duas leis, pela lei de Deus e pela lei de quem são.» Com antepor o homem que vem de Christo ao homem que vem de Adão, com meditar e applicar a lei de quem é, tal como é, e tal como o fez uma espiritualidade triumphante, chegou Bruschy a obter esta unanimidade de estimação e de apreço, que só elle parece ignorar, e que não é mais do que o natural tributo

do senso moral ao timbre que realça a lealdade, á lealdade que realça a intelligencia !

Tal distincção, a mais rara e invejavel, não a conferem os poderes officiaes, não a alcançam os patronos officiosos, não a rubrica a assignatura dos ministros, não a aluga um diploma complacente, não se consegue com a importunidade ou o favor, não depende de predilecções ou privanças. Os sellos, que lhe dão a authenticidade, não ha opulencia que os compre, nem artificio que os imite. Esta é a mais preciosa, esta deve ser a mais estimada.

Para honra do nosso tempo confessemos que mais do que nunca é ella uma realidade e um titulo. Este seculo já não espera a hora da morte para começar a hora da justiça. Não falta com as corôas aonde são legitimos os triumphos, e não se contenta com offerecer ás cinzas a impia irrisão de uma homenagem tardia. O mesmo antagonismo politico, tão cegô e tão injusto, acaba quando a apreciação placida e séria principia, e já para alguns, — privilegio que d'antes só cabia aos potentados, — nos primeiros lineamentos da historia alvorecem os primeiros clarões da posteridade !

J. DA S. MENDES LEAL, JUNIOR.

NOVO CURSO SUPERIOR DE LETRAS

Era talvez aqui a occasião de assentarmos em definir se esta quadra que vamos atravessando apresenta mostras de impulso ou de decadencia para as letras em Portugal, e se, por conseguinte, em quaesquer dos casos, os ramos de ensino agora creados, com o novo curso de instrucção superior, devem tomar a peito, ou apenas dirigir uma elaboraçãõ ardente e espontanea de talentos que, nas hesitações nascidas da sua propria exuberancia imaginativa, careçam sómente de methodo para darem nexõ ás suas idéas e acertarem em produzir alguns dos monumentos que inculcam uma época como mais um capitulo para ajuntar á vasta encyclopedia das obras do espirito e da imaginação; ou se, indo nós declinando para um estado de apathia, será preciso convocar todas as forças e applicar os mais efficazes incentivos para nos despertar d'esse torpor, tão contrario ao desafôgo das aspirações generosas, como opposto aos vôos do engenho litterario.

A questão é grave e carece de ser aprofundada, mas para o fazer seria necessario inquerir-lhe e apontar-lhe as causas, e correr, n'uma detida analyse, factos e obras que determinam um miudo exame, o que nos desviaria para longe do ponto a que nos propozemos. No emtanto, sem desistirmos de tratar n'outro artigo d'este assumpto, com o desenvolvimento que reclama, diremos agora de passagem o que pensamos a este respeito.

É fóra de duvida que nós, como todos os povos, e principalmente os povos de uma ordem secundaria, obedecemos á influencia de uma lei geral. O temperamento litterario tem as suas épocas de adormecimento, como uma parte da escala vegetativa tem os seus periodos de hibernação. Portugal, como a França, como a Alemanha, como a Hespanha, a Inglaterra e a Italia, está talvez passando por um d'esses momentos de lento esforço de recomposição interior, em que os espiritos procuram no descanso obter e retemperar novas forças creadoras. É uma quadra, na apparencia de esterilidade, mas necessaria, porque é n'este estado de sopitamento que a energia intellectual, como as faculdades productivas da natureza organica, cóbra novos principios de vida, e se prepara, pela aggregação de elementos viçosos e robustos, para resurgir em mais fecundas e regeneradas producções.

Felizes as nações para quem estes intervallos são apenas periodicos, como tem acontecido com a França n'estes ultimos quatro seculos, desde o reinado de Francisco I até á reacção espiritualista, capitaneada por Chateaubriand.

Más quando estas crises são o symptoma de uma enfermidade moral, então as nações, geladas dos membros a seiva generosa do heroismo e do genio, sentem o pensamento perder a franqueza e espontaneidade de seus movimentos, sem o que não ha nem transformações auspiciosas, nem progressos moraes, nem se illuminam e rasgam os formosos horisontes que convidam a phantasia poetica aos seus mais arrojados vôos.

Qual d'estas situações será aquella para que caminhamos rapido? A olhar as aves agoueiradas, que nos esvoaçam em torno não seria duvidoso o prognostico. O seu triste piar annuncia de ha muito que o sol dos nossos destinos litterarios transpoz já as eminencias dos dominios ideaes.

Mas não aventuremos prophcias temerarias. Trata-se de um problema cuja solução abrange as tendencias universaes dos espiritos e a marcha geral da civilisação, que os subordina. A verdade é que a situação da nossa litteratura é a da Europa inteira. Phenomeno estranho! A sciencia progride; a cultura intellectual diffunde-se e systematisa-se; e a litteratura das nobres e fecundas concepções desfallece, e cáe das regiões puras da arte nos bazares commerciaes, onde veste as fórmulas industriaes e mundanas do romance-folhetim, do melodrama analysta, ou do escripto inqualificavel, que pede emprestado a um scepticismo anão e piegas o que lhe recusa a musa das graciosas inspirações. O industrialismo, no impeto das suas vagas invasoras, domina a imaginação. Parece que os thesouros da phantasia tem de vasar as

suas riquezas nos moldes acanhados e prosaicos da industria moderna. Parece que os dominios do ideal recuam á medida que o alvião do cabouqueiro escarva das entranhas da terra o ferro de todas essas gigantescas e velozes machinas, que tendem a fazer do homem apenas mais uma roda do seu egoismo!

Entre as necessidades da imaginação e as necessidades da sciencia, haverá uma incompatibilidade tão determinada? Serão inconciliaveis os commodos da vida com os triumphos das letras? O desaprêço de Milton, a pobreza de Camões e a morte de Chatterton serão apenas um dos muitos e tristes episodios da miseria humana, ou serão o influxo de uma lei fatidica que tenha de perséguir e envergonhar os destinos da sociedade? Será condição do engenho poetico só poder vegetar no pólo opposto das maravilhas do conforto social? Será o sópro da civilisação um tufão esterelizador para as balsamicas e ajofradas flores dos édens da poesia? Terá a alma do pensador solitario, n'esses arrobos de sublime Iyrismo em que se compraz de devanear por espheras desconhecidas, de encontrar sempre a atmospherá pardacenta e suffocadora do fumo de mil fogões, cujos tubos deita fóra das janellas de seus palacios o commodista das cidades, o qual respira unicamente no ambiente temperado dos esplendidos salões? Será emfim permanente e invencível, ou puramente occasional este antagonismo?

Não o ousamos affirmar; mas os factos, como uma ironia penosa, parecem banir toda a duvida. Ainda ha pouco, n'um luminoso escripto, ácerca da influencia que a guerra da Italia produziu nos animos, disse Eugenio Pelletan o seguinte: «Não posso deixar de confessar, que me parece ver n'uma parte da nação ir-se apagando o vigor do pensamento. Nenhum fogo intellectual, nenhuma inspiração elevada, nenhuma obra séria, nenhum desejo de acontecimento ou idéa nobre, nenhuma corrente magnetica emfim entre a palavra e o auditorio, entre a verdade e a multidão. As horas soam e passam, sem que deixem uma phrase sequer gravada na lembrança.

E é este effectivamente o aspecto moral e litterario da época: uma frieza, uma indiferença giacial, que abate os animos, e só os deixa accordar para os estímulos da existencia facticia e convencional das sensações exaggeradas. Este seculo é materialista, não materialista por instinctos de impiedade, por que não tem força, nem estudo, nem resolução para entrar n'essas questões; está mesma apathia o anniquilla para grandes arrojós; mas materialista, porque uma viciosa inclinação de habitos o torna sensualista.

Os resultados da imaginação são sempre os indícios demonstrativos d'estas quadras, em que as forças intellectuaes parecem exaustas ou adormecidas; a litteratura desaparece, ou mostra apenas a vida pallida dos frouxos e intermittentes clarões do occaso do dia. A poesia, e a litteratura em geral, vão sentindo cada dia mais os effeitos da atmospherã de gelo que as rodeia. Podem dar-se phenomenos individuaes, mais ou menos radiosos, mas sem força de união, sem destino conhecido, sem harmonia, sem a virtude de poderem contrariar o impulso de decadencia, que é a expressão uiversal. N'esses phenomenos ha brilhos incontesteveis de certo, mas solitarios e excentricos; illuminam, mas tambem compromettem uma época: e nos lampejos de genio que disparzem, se deixam antever destinos gloriosos, tambem denunciam gyros temerarios.

A physionomia geral da Europa culta é positiva: sente-se o sibilar rapidó das locomotivas, e o fumo das machinas de vapor tolda o firmamento, onde o poeta quizera entrever as chimeras douradas do seu eterno e suave delirar. Tudo é grave, pesado e *util*, como este movimento economico e industrial. Carecida de azas para levantar vôos audazes, a litteratura rasteja, inquire, copia, explora e commercia. Os trabalhos de erudição, as reimpressões, as novellas ligeiras, as distracções de uma hora, as traducções por atacado, resumem os seus indícios de vitalidade. Em Inglaterra, as vastas e laboriosas typographias de Oxford fazem reimpressões de um luxo ostentoso, e a sociedade camdeniana publica uma serie interminavel de cartas, de memorias, de excerptos e antiquilhas escavados no museu britannico, como anedotas, curiosidades, resto dos velhos tempos que o esquecimento, o pó das idades e o impulso de novas idéas e novas exigencias haviam posto de parte ha bastantes seculos.

A poesia, a mais intima e sublime revelação do ideal de um povo, está identificada por estreitos laços com certas épocas ardentes da vida das nações, e não é um vão systema, não é uma theoria caprichosamente architectada, senão um facto apoiado sobre a experiencia, que lhe abre e firma a quadra viva da sua efflorescencia. A estação porque estamos passando é a do inverno, para essas risonhas flores que desabrocham das almas entusiasticas. A arte, nas suas manifestações mais puras e, por conseguinte, mais affastadas das imposições especuladoras das necessidades da existencia, retráe-se para o seu sacrario de marfim e ouro, onde só os filhos predilectos do estro a vêem e tratam, aguardando momentos mais propicios para as suas tentativas de regeneração intellectual.

A Inglaterra e os Estados-Unidos são exactamente os dois povos que evidenciam melhor este triumpho de um movimento positivo sobre uma phase litteraria que passou ou caiu em lethargia. Aquellas tremendas epopeias, cujos episodios de atrocidade sanguinaria e de phantastica e mimosa poesia primitiva, vegetam, se entrelaçam e florescem com as arvores gigantes das florestas do Novo-Mundo, haviam inspirado Cooper. Com os seus romances, grata mistura de poesia descriptiva e tradicções indigenas, desabrochára a mais esplendida aurora litteraria que póde brilhar á imaginação e sentimento patriótico de um povo que se constitue em sociedade. Mas este povo, como diz o auctor dos *Contemporains illustres*, que espirituosamente appellidaram um Hercules no berço, este povo que, apenas nascido dá ás velhas nações o primeiro exemplo de paiz que sabe governar-se por si mesmo, e á França o signal de uma revolução que fez o gyro da Europa; este povo adolescente que doma rios immensos como mares, que abate florestas de quinhentas leguas, que edifica cidades e fertilisa vastos desertos, este povo está longe de offerecer em litteratura uma vitalidade igual á sua vitalidade politica e industrial, diversas causas explicam a sua inferioridade n'este particular.

A primeira é de certo a falta de idioma proprio. Inglezes pela lingua, os Estados da União permanecem e permanecerão por muito tempo, pelo que diz respeito ás causas litterarias, tributarios da Inglaterra. E sobretudo os americanos inglezes são o povo mais activo, mas tambem o mais prosaico da terra. Arrastados por um movimento perpetuo de emprezas commerciaes, economicas e agricolas, só estimam a litteratura e as artes na razão directa da sua utilidade immediata. A New York, New Orleans e Washington possuem milhares de periodicos, grandes como lençoes, destinados a darem informações do que se passa no seio do movimento incrível d'aquelles centros poderosissimos de commercio e população: produzem e consomem massas de tratados, de dictionarios technologicos, e não contam um historiador notavel, um philosopho, nem um poeta. Aquelle povo não trata de contemplar a natureza, trata de a vencer: não se occupa em admirar as suas maravilhas, mas de lhe arrancar os seus thesouros. Fenimore Cooper, e Washington Irving são os nomes mais notaveis da sua lista de escriptores. Ultimamente uma escriptora, miss Beecher Stowe, exprime notavelmente a feição d'esta sociedade unicamente preocupada dos seus interesses politicos e commerciaes. A polemica da reforma social, os pleitos da emancipação das raças vieram ventilar-se nas paginas do romance. A *Cabana do pae Thomaz*, á parte os lances de uma fabula anima-

da de sentimento dramático, e sympathica pelas suas aspirações generosas e humanitarias, resume o assumpto dos debates jornalisticos, e das querellas particulares da America do Norte nos ultimos annos.

Na Inglaterra actuam quasi as mesmas causas. O abalo que Scheridan Knowles e Byron deram por instantes ás imaginações, afroxou: Walter Scott, á semilhança das suas lendas do velho paiz de Galles, surge na memoria dos eruditos como a lembrança de uma gloria patriótica: Wordsworth, Coleridge e Southey, com a sua escolla de poetas *lakistas*, adormeceram de todo na paz do tumulo; apenas uma ou outra inspiração solitaria, como a ondulação serena e prateada de seus lagos melancholicos de Westmoreland, vem quebrar a monotonia fastidiosa de algumas horas passadas nos wagons.

A poesia é hoje uma cousa tão rara em Inglaterra, que os bons versos podem-se apontar como uma raridade. O gosto voltou-se para os velhos contos, para as memorias (as memorias que são sempre a prova de decadencia de uma época), para as reliquias dos tempos idos, anedotas, usos, vestuarios, vestigios archeologicos, supremo esforço de erudição com que a curiosidade entretem o espirito falho de imaginação. As investigações eruditas de Fraser Tytler e as narrativas pintorescas do quaker Howit, que ha pouco publicou dois volumes ácerca dos campos de batalha, monumentos e antiguidades da Inglaterra, absorvem a attentão, conjuntamente com a correspondencia de Baillie, agora reimpressa. É n'esta correspondencia que figura, com uma verdade que palpita, a scena do julgamento de Strafford, ministro de Carlos I. «É ahi que é necessario vêr o verdadeiro Strafford, exclama um critico moderno, aquelle bello leão mettido em grades, aquella nobre presa agonisante, aquelle character de ferro, sobre o qual cabiam, para o dilacerarem, todos os abutres da lei, todas as raivas populares, advogados, juizes, oradores, cabeças de partido, e sobretudo Tym, o seu antigo amigo, aquelle que, depois de lhe ter roubado a amante, lhe disse um dia:—«Strafford, a tua cabeça é o bolo da partida!» Nem Hume, nem Smollet, nem Adolphus, nem Mackintosh reproduziram nunca esta scena de Westminster-Hall com a força penetrante da sua simplicidade historica. É por que o pincel da historia é sempre pallido. Os talentos formado no estudo de gabinete enganam-se sempre. Os homens e os acontecimentos são sempre mais feios e violentos do que aquelles os pintam.

Mas estas paginas, em que tumultuam os lances de atrocidade politica da Inglaterra descriptos com a poesia do sentimento, são

apenas agora reproduzidas, como são as obras de Fuller, Burton, Barrow, Taylor, prosadores inglezes do seculo xvii de um estylo original, eloquente e vigoroso; porque, como fica dito, no meio do silencio do genio creador, os antiquarios, os commentadores, os traductores e edictores são os unicos que dão signaes de vida litteraria. O romance, que teve as suas épocas de agrado e fina critica no tempo de Swift e Foë, de Goldsmith e Thompsón, de Richardson e Eielding, cahira nas exaggerações melodramaticas e sinistras de Anna Radcliff, ou nas theorias de moral pratica de miss Edgeworth. *O Castello d'Alhlin, os mysterios de Udolpho, o italiano ou o confessorio dos penitentes negros*, e outras producções de arripiada e terrifica memoria, foram substituidas pelos quadros de lastimavel realidade da miseria das prisões, como os *Mysterios de Londres*, de Ainsworth. Os romances que se apartam d'este realismo repugnante (e é a maior parte), são apenas pequenas obras de exemplo e ensino, cujo fim é absolutamente moralizador, porque se destinam á educação practica. D'isto ha bibliothecas em Inglaterra.

A litteratura dramatica acompanha esta rapida declinação. Os theatros inglezes copiam o peor da scena franceza actual, misturando-lhe a proverbial licença e despejo dos *gracejos britannicos*. Os melodramas e vaudevilles, ou operas-comicas, e os mimodramas, vistos em todos os theatros de Paris, dispertam deliciosas e geraes sensações na burguezia e no povo inglezes. Como excepção apparece alguma tentativa shakespereana, sem vida nem bom senso, como a tragedia de Stephenes, intitulada *Martinuzzi*, que o publico acolheu rindo primeiro e depois pateando.

Mas deixemos em paz o nome d'estes auctores, que nascem apenas para morrer dos excessos da sua vaidade ridicula. É a escuma inutil de uma litteratura fatigada que se apaga e desaparece. «Não é possivel determinar, dizem Edward Mayhew e A. Bunn, nos seus livros sobre a situação deploravel do theatro inglez, não é possivel perceber, senão que a arte dramatica em Inglaterra chegou ao seu ultimo periodo, que o publico pouco se lhe dá d'isso, que os homens de talento não sabem engendrar uma peça, que os actores e os homens da profissão não tem nem vislumbre de talento, e que é mister emfim pronunciar o *de profundis* sobre a grande musa de que Shakespeare fez a gloria.»

Ora em vista d'isto não nos lastimemos, porque o estado do nosso theatro ainda assim não é tão mesquinho.

A situação litteraria da Allemanha é completamente differente, sem comtudo a sua degeneração dos bons principios ser menor. Na Allemanha não se dá propriamente uma decadencia,

dá-se uma aberração. Os resultados caminham para pontos opostos.

Aos escriptores da escola que se proclama nova (a *joven Alemanha*), fallecem-lhe de certo os dotes de imaginação poderosa que fecundam uma época na apparencia esteril ou cansada; e, desvairados pelas leis obscuras de uma esthetica que não se estriba sobre factos nem sobre obras, a sua tarefa cifra-se em escogitarem theorias de arte para as pôrem em pratica. Os poetas em todas as suas manifestações, no poema, na tella e no marmore, embevecidos na abstracção d'estes principios difficeis e nebulosos, tornam-se espiritos entusiastas que preferem o desvario á verdade, que o extraordinario seduz como se fóra o bello, e que, horrorizados da realidade, que appellidam de material e grosseira, se perdem nas regiões de um vago mysticismo e de uma symbolologia pueril.

A Lessing, Klopstok e Wieland cabe a gloria de terem fundado a litteratura classica allemã. O genio de Lessing, diz Henrique Haine, resume e personifica, só por si, uma litteratura inteira. Os seus trabalhos philologicos, criticos e estheticos encontram unicamente rival nos trabalhos sobre artes de Winckelmann. Mas Goethe e Schiller prendem as imaginações com as suas obras, cujo estylo profundo se apropria intimamente á indole e pensamento dos allemães. O genio moderno, suffocado ainda por alguns annos pelo enthusiasmo da erudição antiga, manifesta-se a final no *Fausto*, no *Werther* e nos *Salteadores*. Schiller prende-se mais ao mundo que Goethe: o espirito do seu tempo domina-o; e é com enthusiasmo até que elle hasteia o estandarte dos novos principios. Schiller escreveu para as grandes idéas da revolução. Goethe, o pantheista, engolpha-se nas sensações individuaes, nos enlévos da natureza e nas combinações profundas da arte. Depois vêem os irmãos Schlegel com a sua escola, que é principalmente nas obras da arte catholica da idade-média, que escolhe os seus modélos. Como no tempo em que a santidade dos mysterios do catholicismo preocupava exclusivamente o espirito dos homens, e cujo dogma era ao mesmo tempo objecto das meditações dos doutores, do canto dos poetas e das composições dos artistas, assim a idade-média rasuscita na imaginação dos poetas allemães, inspirada pela saudade e attractivo das suas tradições legendarias e crenças religiosas, evidenciando na fórmula os excessos do espiritualismo e do sentimento ascetico.

O verdadeiro representante d'esta escola, o primeiro bardo d'este impulso romantico, partido de Weimar e de Iena, e que se propaga para logo a Inglaterra, passando depois a França

e fazendo em seguida o gyro da Europa, não foi Schiller nem Goëthe, foi Tiek. Uhland, chefe dos modernos *minnesingers* (bardos ou mais propriamente menestreis), como Justino Kerner e Gustavo Schwab, formam o grupo de talentos, que, inspirados junto dos castellos feudaes, que assombram as margens do Rheno, entoam no alaude romantico as baladas de outros tempos.

Esta escola, que proclama o christianismo como a inspiração unica do genio moderno, toca a sua exaggeração, do que se segue a chamada escola néo-gothica, com todos os seus excessos. A historia e a analyse d'estes excessos acham-se feitas com a vehemencia da veia sarcastica de Henrique Heine, na sua *Allemanha*; e Otfrief Muller e Bœcke, os menestreis d'esta escola, e Schelling, Hegel e Schlegel, os seus apostolos e doutores, não escapam aos epigrammas affiados do critico inexoravel.

Estes abusos do pensamento conduzem á combinação continua dos symbolos, e, como consequencia necessaria, á exaggeração e á obscuridade. Foi isto que fez escrever as palavras seguintes a mad. de Stael na sua *Allemanha*: — Apenas os artistas allemães sentem qualquer impressão, no mesmo instante deduzem d'essa impressão uma infinidade de idéas: encarecem desde logo o mysterio, mas é para o revellar; e não se póde alardear nenhum genero de originalidade que elles não curem de explicar immediatamente o como essa originalidade occorreu. Grande inconveniente de certo, sobre tudo para as artes em que tudo é sensação: é analysal-as antes de as sentir. Que se poderá dizer de bom, depois de se ter renunciado á analyse? Gozou-se do fructo da arvore da sciencia e a innocencia do talento ficou perdida.

Hoje em dia ainda esta observação parece mais verdadeira. A innocencia do talento está completamente perdida: em Allemanha o fructo do paraíso foi gostado, e por mais que as imaginações se affadigam em querer ostental-a, não fazem senão deixar entrever a lucta intima e penosa das tentações da serpente, segredadas ao ouvido da primeira mulher.

D'este numero affasta-se um pequeno grupo de escriptores moralistas, suave e sympathico grupo da Suissa allemã. Este grupo tem Jeremias Gotthelf á sua frente, que, á imitação de Voss, de Hebel, de Jung Stilling e Pestalozzi, os velhos e puros romancistas que em seus quadros singelos e populares se propunham sempre á rehabilitação do homem pelo dever, se propõe igualmente a inspirar ás classes pobres e laboriosas o amor do trabalho e os sentimentos fortalecedores de uma existencia desambiciosa e tranquilla.

Jeremias Gotthelf obdece n'isto a um elevado intuito moral,

que é combater a chamada *joven Allemanha*, especie de insurreição philosophica e litteraria, prégada pelos aventureiros e charlatães politicos, que arrebatados por idéas de reforma radical, lisongeiam os instinctos do povo, desvairando-o e perdendo-o.

Em summa, o desejo de exprimir as abstracções do pensamento, desejo inspirado em excesso pelo genio contemplativo dos philosophos allemães, é o defeito que se revella em todas as obras d'aquelle paiz.

Uma parte da Europa cafu n'uma lethargia, porque até dissereis que tem preguiça de pensar: é sensualista, porque parece se lhe extinguiu de todo a acção interior, e se sente, é unicamente as impressões externas. A Allemanha, pelo contrario, esquece-se do mundo e das comprehensões vulgares, e, se aproveita alguma coisa da terra, é só para lhe servir de meio intermediario, de symbolo, visto ser impossivel de outro modo revellar as concepções que não encontram fórma conhecida n'essas espheras infinitas, cuja harmonia nos escapa.

Swift, sem o pensar, fazia ha dois seculos o retrato e a critica dos modernos allemães, quando descrevia aquella celebre ilha fluctuante do *Gulliver*, onde seus habitantes, especie de lunaticos, viviam constantemente absorvidos nas observações da esphera celeste: era necessario, para serem revocados de tão profundo embevecimento ás considerações positivas d'este mundo subluar, que uns servos armados de paus com bexigas na ponta lhes descarregassem fortes pancadas no rosto. Era então que despertavam; e ainda assim saíam de suas abstracções para perguntarem uns aos outros como estava a lua, ou como estava o sol!

(Continúa)

ANDRADE FERREIRA.

AMOR E DUVIDA.

Quando essa pallida fronte
Por momento pensativa,
Cai ás vezes de repente,
E se amortece a luz viva
Que nos teus olhos resplendê,
Sinto que est'alma se accende
De um fogo, de uma paixão,
Que me desvaira a rasão!

A terrivel incerteza,
Esta duvida constante,
Desapparece um instante!
Creio em ti: — foga a incerteza
Que todo o meu ser domina;
Torno á vida, e livre aspiro
N'um mundo que se illumina
Da encantada luz do amor!
Depois, se um flébil suspiro
Vem de teus labios á flor,
Oh! como então és amada!
Como tens aos pés rendida
Toda a força d'esta vida
Que por ninguem foi domada!

Mas é só por um instante!...
 Volta depois a incerteza,
 Quando assume o teu semblante,
 Aquella glacial frieza,
 Que desalenta, que opprime,
 Que traz profunda tristeza,
 E destroe quanto é sublime!

Um dia no firmamento
 O sol vivido brilhava,
 E a aragem com brando alento
 Entre as ramas suspirava:
 Era ali; n'aquelle val,
 Que parece destinado,
 Para esconder na espessura
 Os segredos da ventura!
 O coração agitado
 N'esse instante te pulsava,
 E uma tristeza mortal
 O semblante te annuviava.
 Allucinado buscava
 A causa de onde nascia,
 Quando um gesto, uma expressão
 Me disse que eu só podia
 Tirar-t'a do coração!
 Sem mais ver, nem mais pensar
 Com que delirio a teus pés
 Me viste rendido então!...
 Quem podia duvidar
 Vendo a ingenua timidez
 Do teu inspirado olhar?!
 Os labios não revellaram
 O que havia em nossas vidas,
 Mas as vistas confundidas
 Com que eloquencia fallaram!
 Chegára a noite, no céo
 Vi scintillar uma estrella;
 Era brilhante, e era bella,
 Mas um presagio mortal,
 Um cruel presentimento
 Me disse n'esse momento:
 «Não fites os olhos n'ella,
 Por que essa luz é fatal.

Amanhã, espesso véo
 De trevas ha de envolve-la;
 E se de novo surgir
 Será para te illudir!

E esta duvida cruel,
 Este constante hesitar,
 Quem m'o pôde terminar
 Quem, senão um teu olhar?!

Julho—59

R. DE BULHÃO

INFAUSTAS AVENTURAS DE MESTRE MARÇAL ESTOURO, VICTIMA DE UMA PAIXÃO.

(Episodio de um livro inedito.)

IV

DE COMO MESTRE MARÇAL RECONHECEU QUE ERA O MAIS POPULAR
HOMEM DO REINO.

Se já se tivesse inventado a *Lampada maravilhosa* e o seu author, o mestre cuidaria figurar nos contos phantasticos do bom mr. Galland.

— «Muito boas noites» — retorquiu elle repetindo-se machinalmente — «A quem tenho a honra de...?»

— «Sois um homem de prestimo e habilidade, mestre Marçal!» — acudiu o interlocutor da esquerda, sem se dignar responder á interrogação inquieta do honrado fogueteiro.

— «Mestre Marçal, sois um homem precioso» — atalhou o da direita encarecendo o elogio do seu companheiro.

— «Favores, favores, senhores meus» — tornou o mestre, estúpido de admiração — «Mas a quem tenho eu... como tenho eu a honra...?»

Mestre Marçal balbuciava como um camponio, que vem á cidade servir de testemunha n'uma causa crime.

— «Sois mais conhecido do que pensaes, mestre Marçal» — redarguiu o primeiro interlocutor.

— «Quem é que não conhece mestre Marçal!» — observou o segundo. Esta popularidade inquietava cada vez mais o mestre.

«Não vos demoreis por nossa causa» — continuou o primeiro. — «Acompanhar-vos-hemos.»

— «Como?»

— «Como se acompanha um homem. Ao lado, atraz, adiante, como quizerdes.»

— «É melhor ao lado» — interrompeu o segundo. — «Conversaremos.» Mestre Marçal não achou que responder.

— «Com que então,» — proseguiu, depois de breve espaço de silencio, o ultimo que fallára; — «Com que então, mestre Marçal, tinheis tão boas prendas e estaveis callado!»

Mestre Marçal procurou ler no rosto do seu forçado companheiro o sentido d'estas palavras. Era impossivel. Primeiro estava a noite; debaixo da noite o largo sombreiro; debaixo do sombreiro a capa negra do embuçado.

— «Ides açodado, mestre» — disse o vulto da voz aflautada.

— «Confesso que estão á minha espera» — respondeu mestre Marçal moderando o passo que machinalmente apressára.

— «Oh! temos tempo!» — acudiu o mais encorpado.

— «Temos tempo! De que?» — ponderou timidamente o fogueteiro, que não podia atinar com a plausibilidade d'esta ingerencia dos dois desconhecidos na sua companhia, nem com os motivos d'aquella expressão de communição, que os seus interlocutores insinuavam na conversação.

— «De que?» — retorquiu o da direita como admirado e quasi escandalizado.

— «É uma pergunta» — accrescentou o mestre em modos de desculpa.

— «De que? De acharmos o que procuramos.»

— «Mas que procuramos nós?» — exclamou o fogueteiro, tão completamente desnorteado, que já acceitava sem saber a locução collectiva.

— «Vindes de longe, e não nos heis dado pouco trabalho em vos seguir, mestre» — advertiu em fórma de commentario o primeiro embuçado.

— «Ah!» — murmurou para si mestre Marçal com a voz estrangulada de um presentimento funesto.

— «Ha muito que estudaes os artificios de fogo?» — acudiu o segundo vulto.

Mestre Marçal nem se atreveu a negar. Era evidente que o seu segredo estava descoberto. Passado o lance, custou-lhe a perceber como escapára d'elle.

— «Por quem sois, meus senhores» — exclamou tranzido — «por quem sois, não me deiteis a perder!»

— «Perder-vos» — respondeu jogueteando com as palavras o primeiro embuçado, que parecia extremamente faceto e propenso ao motejo. — «Perder-vos! Pelo contrario: queremos... aproveitar-vos.»

O arrevesado e cruel trocadilho, que desafiára uma gargalhada em duetto, arripiou o mestre.

Caminhando alguns passos em silencio, o fogueteiro parou de re-

pente, e, dirigindo-se aos dois n'um tom plangente capaz de derreter penedos, disse-lhes juntando as mãos:

— «Pelo amor de Deus deixai-me ir para minha casa! Minha mulher espera-me, e...»

Não pôde acabar. A imagem terrível da senhora Medéa, surgindo do meio de tantas angustias, rematára a torvação ao infeliz com a lembrança do que seria a catastrophe caseira na presença de uma ausencia illimitada.

— «Vossa mulher!» — tornou o segundo embaçado. — «Devieis agradecer a Deus a demora que vos trouxesse distante de tal Eva.»

— «Que póde pedir meças á serpente» — atalhou o outro vulto epigrammatico, versado como se vê nos estudos da historia sacra.

Mestre Marçal reflectiu que os dois incognitos não só tinham seguido os seus passos, mas conheciam intimamente a sua vida.

— «Isso não, mestre Marçal» — continuou o que primeiro lhe retorquiria. — «Pedi o que quizerdes. Tudo vos faremos. Menos largar-vos.»

Como o honrado mestre em taes apuros lhes não podia solicitar coisa que mais agradável lhe fosse, não teve remedio senão conformar-se.

— «A vossa companhia é preciosa mestre Marçal» — proseguiu o outro embaçado, como para o consolar, não ficando atraz do seu companheiro em atencões. — «Não vos deixaremos, não. Ninguem sabe para o que está guardado, e bem certo é dizer-se que a fortuna é cega. Hoje na fama, amanhã na cama. Vá lá um homem fugir á sua sina! Assim, mestre, é vir comnosco, e o futuro a Deus pertence. Estaes com gente que sabe tratar, e fio-vos que ninguem vos molestará, nem vos heis de dar mal em nossa companhia. O vosso foguete, via-se que era peça acabada. Pelo dedo se conhece o gigante. Jurára que se ouviu a meia legua, e bofé que me alegrei de ouvil-o! Ha tanto que a gente anda desacostumada d'isto!»

Mestre Marçal não sabia o que pensasse. As ponderações philosophicas do seu ultimo intorluctor pareciam envolver um sentido duvidosamente significativo, que ora o ameaçava pavoroso como um auto do Santo Officio, ora lhe sorria aprazível como uma esperanza mysteriosa.

Conhecia que estava á mercê d'aquelles homens, mas os seus modos lhanos e cortezes começavam a dissipar-lhe as terrificas suspeitas que o haviam sobresaltado. As observações finaes do embaçado, que ultimamente fallára, lisongeando o seu amor proprio de artista, haviam-n'o singularmente impressionado. Em boa verdade a consciencia dizia-lhe que o recente desbarato das suas ambições não merecia os mal empregados e importunos elogios. Mas, por outro lado, segredava-lhe a vaidade que os profanos, não podendo adivinhar os mysterios da sua engenhosa concepção, e vendo n'aquella vulgar composição um

foguete como todos os foguetes, podiam assim mesmo admirar a perfeição relativa do artefacto.

—«Quem sabe»—dizia elle comsigo,—quem sabe se são alguns fidalgos, que souberam do meu prestimo e o desejam aproveitar para seus divertimentos e folgares?... Oh! lá isso não... a lei é... A lei!... Mas elles hão de sabel-a, e se assim mesmo querem, é por que lá terão modos de compor-se com as justiças de Sua Magestade... Com tanto que paguem bem, e me deem um bom terreiro, eu não seja mestre Marçal se lhes não armo uns arteficios de fogo tão novos e vistosos, como nenhum castelhano era capaz de fazer, nem o melhor bombardeiro de Flandres idear.

Arremeçada a estas alturas, a imaginação do mestre, que principiava a tingir-se de côr de rosa, não punha freio ás conjecturas.

—«E como elles me conhecem!»—continuou nas divagações do soliloquio mental—«O que é um homem ser nomeado nas artes do seu officio! Não ha ninguem que não saiba.»

Mestre Marçal lamentava seriamente os inconvenientes da celebridade dando-se por victima da gloria.

—«Pois não tenho a mais pequena idéa d'estas vozes»—foi proseguindo como que a namorar-se mais e mais nas proprias cogitações.—«Não admira. Um homem não pôde conhecer toda a gente, que se praz em serpes volantes, e rodas floridas, e as mais fabricas admiraveis que se podem apurar n'esta arte peregrina.

N'este arrojo da complacente phantasia do mestre, iam chegando á testada do terreiro de S. Domingos.

Mestre Marçal quiz enfiar pela Bitesga que era o seu caminho.

—«Por aqui»—disse o vulto mais robusto, tomando-lhe o braço e guiando-o para o lado do Rocío.

—«Mas para onde vamos nós, senhores meus?»—perguntou mestre Marçal renascendo-lhe instinctivos os terrores ainda mal esquecidos.

—«Vamos a casa de uma pessoa, que muito deseja travar conhecimento comvosco, mestre»—respondeu em tom quasi confidencial o embuçado que primeiro o saudára.

Mestre Marçal tornou com isto ás anteriores conclusões, e deu promoção geral ás suas esperanças.

Corrigindo as supposições com uma observação mais atenta e placida, assentou lá comsigo que os seus dois adjuntos eram escudeiros, e que os escudeiros o levavam a casa de um titular pelo menos.

Os receios da ordenança com todos os seus rigores, se não lhe desappareciam de todo, iam progressivamente declinando.

Mais sosegado e desopprimido depois d'esta decisão, mestre Marçal deu a andar com desembaraço e confiança. A poucos passos olhava já para os companheiros com certo ar de protecção.

O mestre era d'aquelles caracteres, mui frequentes e notavelmente afortunados, que transformam sem hesitação em absolutas certezas as suggestões do seu bestunto, e convertem n'outros tantos infalliveis dogmas todos os disparates, que tiveram o privilegio e a fortuna de lhes rebentar do cerebro.

Atravessando o Rocio, os tres homens subiram ao Bairro alto, e pararam á porta de umas casas de boa apparencia, que faziam frente para a travessa da Cruz e esquina para a do Arcebispo, a qual corria parallella com a de Estevão Galhardo, ainda hoje existente, posto que mui diversa do que então era.

Mestre Marçal não viu apparatus de serviçaes e pagens; mas, como lhe custasse a demolir tanto do pé para a mão o phantasioso edificio architectado pelos seus incuraveis desvanecimentos, pensou que naturalmente o queriam receber com recato e segredo, pois que, em todo o caso, o fim para que o buscavam sempre era melindroso.

O vulto mais baixo bateu, e uma velha escrava moura veio abrir resmoneando.

Mestre Marçal e o outro embuçado ficaram fóra.

Passados instantes de breve conferencia, saíu o embuçado que entrára e disse para o companheiro:

—«Vamos ao Pateo das Comedias.»

Sem mais observações, este ultimo travou novamente do braço ao fogueteiro, que nem idéa fazia do que era o Pateo das Comedias, e todos juntos desandaram o que tinham andado.

V

DE COMO MESTRE MARÇAL CONTINUOU A SUA PERIGRINAÇÃO NOCTURNA

O honrado mestre, cujas faculdades se iam de mais em mais conturbando com estas complicações, fluctuava entre nebulosas apprehensões e risonhas esperanças.

O Pateo das Comedias, onde se achava estabelecido o theatro publico, ficava para a rua dos Arcos, que desembocava na da Bitesga. Este theatro pertencia ao hospital de Todos os Santos, que era o seu empresario, por um privilegio especial confirmado em 1595 por Alvará de Philippe II.

Tanto que chegaram, o embuçado, que entrára antecedentemente nas casas da travessa da Cruz, separou-se do companheiro e sumiu-se n'um corredor tortuoso, que abria uma bocca de Adamastor ao canto do quadrilatero, cortado de algares e de charcos pouco odoriferos, que se chamava o Pateo. A luz mortíça e vesga de dois candis afumados, appensos ao lado anterior das humberias do portal estreito e baixo, como

que ainda mais realçava as trevas anteriores d'aquelle mysterioso sorvedouro. Fóra, no ambito do pateo, a escuridão era completa.

Mestre Marçal, inteiramente noviço n'estas regiões, e de todo ignorante dos seus costumes, não sabia o que pensasse de um burburinho de vozes que ouvia proximas, chilrando, rindo, e chacoteando n'umas pinhas inviziveis de gente galhofeira, com tal desenfado e petulancia, que a mesma seriedade do mestre sentiu as cócegas do riso contágioso.

De vez em quando saíam de um ou outro dos pequenos ajuntamentos alguns exploradores praticos nas difficuldades do piso, e, orientando o rumo pelas immedições dos recémchegados, passavam, por elles com uns: «oh! oh!...» e uns «ah! ah!...» extraordinariamente joviaes. Estas exclamações um tanto á queima roupa, em vez de offenderem o vulto que ficára em companhia do mestre Marçal, provocavam-lhe um sorriso malicioso, que este felizmente não podia ver. O mestre, cada vez mais afferrado ás suas conjecturas, attribuia com toda a modestia os monosyllabos admirativos, que lhe zumbiam aos ouvidos, á sua incomparavel popularidade.

Era comtudo evidente que só a presença, pelos modos respeitavel e respeitada, do seu accessor impedia que esta hilaridade vaga se convertesse n'uma applicação directa ao desditoso heroe.

O physico de mestre Marçal produzia o seu costumado effeito. Se os curiosos podessem n'aquelle momento adivinhar e entrar no mysterio das suas meditações não teriam menos que rir.

De repente, uma voz esganiçada em falsete, rebentando de uma fresta sobre o mestre, como um estilhaço lascado e cortante, despertou-o no melhor das suas chimeras.

—«Oh! oh!... ah! ah!...»—dizia a voz resumindo as diversas intonações de comico pasmo, que sussurravam cá em baixo em redor de mestre Marçal.—«Voto a Belzebuth que lobrigo ahi um entremez de carne e osso... de osso principalmente. Boas noites tio Longuinhos, ou como é a vossa graça... Tio Longuinhos heis de ser... Para aqui, tio. Bofé que nos estaes fazendo falta. Upa! Alçae-me uma d'essas ripas, e estaes cá em cima. Precisamos de uns espeques assim para representar o cavallo de Troya... ao natural. Upa, tio Longuinhos! Uma pernada, vamos. Sereis dos nossos. Talhado sois para isso. Por Gil Vicente e sua filha Paula Vicente, que déra eu todas as comedias novas, e até os autos e chacotas da moda antiga para vos ter comigo em cima das taboas! Fareis á maravilha o papel de Polyphemo entysicando de ciumes. Pois o D. Lançarote!... Temos cá tambem um manto de Plutão presidindo aos infernos, que vos irá á maravilha. Eh! eh!... Trepá, tio Longuinhos. Upa!...

*Tu tambien, insigne palma,
Eres aqui forastera!»*

Cantarolou para remate o interlocutor aereo, applicando em romance castelhano, lingua vulgar no palco, á esguia pessoa do mestre, com visivel intenção de parodia, o popular moteto da palma, das velhas trovas do rei Abderrahman.

Tudo isto fôra emphaticamente recitado com tal volubilidade de palavras e tal variedade de inflexões, que não dava quasi logar á reflexão.

Mestre Marçal, posto que já familiarisado com todos os ápodos plebeus, como nunca na sua vida tivesse ouvido, disparado de um jacto, tal aggregado de coisas desusadas, exdruxulas, e absolutamente intelligiveis para elle, ás primeiras palavras levantou a cabeça com o assombro de um homem que ouvisse um pintasilgo desfechar-lhe um discurso, e com o gesto attonito que provavelmente faria o propheta Balaão ao escutar as primeiras phrases da jumenta palreira. O resultado d'este movimento foi receber em cheio a saraivada da extravagante apostrophe.

Ficou atturdido.

Um côro de gargalhadas acolheu a eloquencia exuberante e luxuosa do orador inesperado.

—Call'-te lá, farçante» — gritou debaixo o embuçado, que ficára com o fogueteiro, em tom mais complacente que irado.

No mesmo ponto as gargalhadas emudeceram. Quem já houvesse costumado os olhos á obscuridade, teria visto mergulhar uma cara travessa e vadia por detraz da apertada adufa que lhe servira de tribuna.

Era o Gracioso da companhia.

Passado um quarto de hora, o outro embuçado voltou, e veiu ao encontro dos dois, que se lhe approximaram. Quando elle atravessava pela tarja vermelha e tremula, que a luz dos candis projectava á entrada do corredor, apezar da sua perturbação notára mestre Marçal que a ponta de uma comprida espada arregaçava a orla inferior da capa ao desconhecido.

— «São escudeiros» — concluiu para si, consolado de tudo, admirando tanto a perspicacia do seu espirito de observação como a sagacidade da sua providencia.

Mestre Marçal, como se vê, estava disposto a reparar nas coisas com bons olhos. Para tirar outras inferencias seria necessario confessar a si mesmo a ridicula jactancia das suas imaginações, e a inopia dos seus juizos, e n'isso não concordava elle facilmente. Quanto a perceber aquella enfiada de mysterios era coisa de que já nem tractava.

Duas horas de pratica tinham-n'o familiarisado com os enigmas. Com pouco mais, seria capaz de decifrar á primeira vista, como Oedipo, todas as subtilizas dos gryphos thebanos, e travaria intimidades na álea das seiscentas sphinges do rei Amenophis.

— «Voltemos a casa» — disse o embuçado que descêra do corredor. — «Sahiu ha pouco de cá, e já estará quando chegarmos.»

Abalaram todos do pateo.

— «Até á vista, tio Longuinhas» — gritou da sua adufa a mesma voz, que pouco antes pozera em perigo a rasão vacillante do mestre.

— «Maldito! Tem pilhas de graça!» — observou sorrindo confidencialmente o vulto, que ainda não largára o braço ao fogueteiro.

— «Sabeis o que houve?» — disse para aquelle o seu companheiro.

— «O que houve?»

— «O Barbas pregou dois murros na Lacaia, que lhe pôz um inchaço em cada face, e a Lacaia rachou a cabeça ao Imperador com um pedaço de gruta dos jardins de Babylonia, que apanhou á mão.

— «Arrufos! Não dá nada de si, vereis» — ponderou sentenciosamente o outro.

— «Foi por isso que mandaram chamar Sua Mercê!»

— «E então?»

— «Está tudo accommodado. Não passou a mais.»

— «Não vol-o disse eu? Isto nunca rende coisa maior.»

O embuçado que entrára não perdêra o tempo. Esmiuçára em poucos minutos as mais recentes occorrencias do tablado, que ainda hoje não é isempto de casos analogos.

Mestre Marçal, para quem tudo aquillo era de todo o ponto novo e indecifrável, julgava-se n'um mundo phantastico ouvindo contar, com tal naturalidade como se fôra uma coisa trivial, a historia d'estas familiaridades entre lacaiaes e imperadores. Todas as suas idéas hierarchicas se abysmavam diante da narração d'aquellas anedoctas, que, pela fórma por que eram contadas, pareciam usuaes e correntes.

Mestre Marçal pensou que o mundo podia muito bem ter dado uma volta desde o seu casamento com a senhora Medéa.

Quiz certificar-se.

— «Perdoae» — observou cortezmente ao que referia o facto — «Pelo que oigo teremos brevemente execução.»

— «Uma execução!»

— «Certamente.»

— «Que execução?»

— «A execução da Lacaia.»

— «A execução da Lacaia! Mas como entendeis a execução da Lacaia, mestre Marçal?

— «Com baraço e pregão, e todo o mais do costume, coisa muito para se vêr e admirar, e para servir de exemplo e escarmento aos perversos.

A honrada indignação do mestre varrera-lhe a memoria do delicto

recente, que podia muito bem arrumal-o n'esta cathogoria reprovada. Abrindo os diques á facundia da sua virtude, proseguiu:

— «Presumo que não a esquarterarão por decencia. Como é pessoa do povo tambem não morrerá de garrote.»

— «Mas para para que hão de executar a Lacaia?»

Os dois interlocutores estavam em pólos oppostos: não podiam entender-se. O segundo embuçado ria maliciosamente nas dobras da sua capa traçada.

— «Porque hão de executar a Lacaia!» — ponderou mestre Marçal estupefacto da pergunta que era uma duvida.

— «Por que hão de executar-a, sim?» — retorquiu já impaciente o companheiro.

— «Perguntaes-me por que hão de justicar e executar a Lacaia!» — insistiu o mestre exconjurande-se. — «Porque? Pelo que fez!»

— «Mas o que fez não é de forza.»

— «Pois não é caso de forza um atrevimento d'aquelles? um crime de lesa magestade pelo menos? Em que tempos estamos!»

A orthodoxia dos seus escrupulos insurgia-se contra esta indifferença do incognito companheiro, pouco mais ou menos como um confidente ministerial deplora o septicismo, que põe em duvida a absoluta e incomparavel superioridade dos seus amigos.

O embuçado replicou procurando o sentido das palavras do fogueteiro, como quem quer forçar o espirito a decifrar um enigma complicado.

— «Crime de lesa magestadel Qual crime?»

— «Pois ainda achaes pouco atrever-se uma lacaia, uma cuvilheira, penso... nem açafata de certo... a levantar a mão para um imperador... que eu não sei que imperador esteja agora cá na cidade... não ouvi ainda fallar... mas, como ainda ha pouco dissestes, foi aggravo a um imperador...»

— «Oh! oh! oh!..» — atalhou o embuçado menos prompto na comprehensão, percebendo a final, e fazendo a segunda á risada do companheiro, que já havia entrado na mente do mestre. — «Oh! oh! oh!... Sois um homem como não ha outro, mestre Marçal.»

— «Sou um homem como não ha outro! Porque?»

— «Sois. Descançae. Não haverá justicados nem execução. Sinto dizervol-o: teremos de passar sem esse desenfado. O imperador e a lacaia lá se entendem.»

Esta conclusão extravagante derrotou de todo mestre Marçal. Suppõe-se com bons fundamentos que o illustre e desditoso pyrotechnico finalisou os seus dias sem apreciar bem aquella intelligencia e camaradagem entre tão humilde officio e tão excelsa gerarchia.

Feliz ignorancia, que seria hoje um enorme anachronismo!

N'isto chegavam de novo todos tres á casa da travessa da Cruz.

A escrava moura veio logo abrir, como se já os esperasse. Os dois embuçados entraram fazendo passar adiante o mestre, cortezia que este julgou o mais favoravel presagio.

Continúa

J. DA S. MENDES LEAL, JUNIOR.

COMMEMORAÇÃO

Já não dobram os sinos e o canhão já não ribomba. Passou o seqüito funéreo, e o estandarte do castello fluctua no tope das ameias. A dôr, porém, dura ainda, como o luto e a tristeza não sabiu de todos os corações. Morreu a senhora D. Estephania, rainha de Portugal; morreu a esposa do senhor D. Pedro v!

Ha pouco mais de um anno, em logar de um lugrebe sabimento, que dos paços dos reis se dirigia á sua derradeira morada na terra, em logar do soturno estampido da artilheria soltando d'espaco a espaco o seu pregão de morte, viamos nós sulcarem magestosos as aguas do Tejo os navios portuguezes empavezados, conduzindo a Lisboa uma esposa para o rei, uma rainha para o reino, e uma extremosa mãe para todos!

E o canhão ribombava tambem n'esse dia, coma ha pouco ribombou! Mas então não era como agora, o signal da magoa publica; eram salvas festivas, que saudavam a noiva coroada. Então as armas não se inclinavam em funeral, o povo não trajava os crepes da orphandade, as lagrimas não corriam dolorosas por faces melancholicas; não, n'esse dia tudo era jubilos e contentamento, que eram aquelles esponsaes os do *Amigo do Povo*, o senhor rei D. Pedro.

As bandeiras desferidas ao vento, as flores espargidas pelo sollo as musicas entoando hymnos de alegria, os arcos vergados por festões, e grinaldas, todas as manifestações emfim de um sincero alvoroço eram

á porfia pórdigalisadas d'alma, para commemorar a entrada em terras de Portugal da que então era tanta esperança!

E o povo acompanhava com rara espontaneidade o seu rei n'estas demonstrações de regosijo, porque o rei tinha com abnegação rarissima acompanhado o povo nos dias de provação e amargura. Pacto sacratissimo foi aquelle tacitamente concertado entre ambos. Não pôde já haver alegria para um, que o outro não aquinhoe; já não pôde haver para este dôr, que não custe lagrimas áquelle!

Foi por isso, que, n'um momento, de descuidosa e jovial a cidade se tornou penalizada e sombria, foi por isso que tudo se cobriu de luto, que os divertimentos esmoreceram, e as preces affluiram aos labios em que os sorrisos desmaiaram!

E para mais se entranhar a dôr; a primeira noticia da morte da senhora rainha D. Estephania não foi recebida como verdadeira, tanto doia o ser acreditada. A esperança, ultimo sentimento que se apaga no homem, não queria ainda n'esta conjunctura abandonar os affectos que a bondade conquistára. A anciedade do receio estremecia já os corações, e ainda a fé se não havia d'elles apartado.

O triste desengano cortou finalmente o tenue fio. Aquella esperança que brilhava nos olhos, aquella fé que se recatava no peito, morreram do golpe, e a consternação foi mais viva, mais sentida, e mais pungente!

Começaram os prantos, a dôr repartiu-se igual por todos, desceram os distinctivos funerarios do palacio do rei até ao albergue do pobre, porque o coração do pobre não podia desamparar n'este transe o coração do rei, companheiro seu, seu vigilante e benefico protector, na hora terrivel da adversidade.

Profundamente pesaroso foi o intervallo que decorreu entre o dia funestissimo, em que o espirito tão pouco da terra se desprende e voou ao céo, e o dia das derradeiras despedidas, em que os ultimos despojos da rainha atravessaram a cidade coberta de luto para irem repousar no jazigo da Dymnastia de Bragança.

Todos então de certo se lembraram de outro regio e funebre préstito, que, poucos annos antes, precorrêra as mesmas ruas para ir parar aos portaes do mesmo templo. N'esse, as vozes do povo e os cantos dos poetas celebraram o caso memoravel, quasi presagio, da pomba que pousou na corôa do feretro real.

N'este, a pomba faltou. Como não havia de faltar, se fôra a mesma pomba que despregára as azas?

A. DE BREDERODE.

CHRONICA

No mez que findou havia uma data que era a alegria de um povo e a esperança de um rei; agora perpetuou-se outra que enlutou o coração do primeiro e levou metade da alma ao segundo. Houve um dia de intervalo entre a saudação ao berço e a deploração no tumulto. Foi o ultimo aviso do céu de que o anjo revoava para o regaço de Deus. Symbolizou-se n'este espaço o que tinha sido aquella vida.

A commemoração de tão dolorosa e inopinada catastrophe já a fez no artigo que precede a chronica, um nosso amigo e collega; por isso nos limitamos a registal-a.

Resta-nos porém, mencionar um acto regio que a gratidão do monarcha dictou e que o coração do povo acolheu. A mão que se recusára à homenagem official, estende-se agradecida ao sentimento popular. A carta que em seguida transcrevemos é um abraço do homem-rei aos seus irmãos na dôr. Eil-a:

«Meu charo Duque. — São poucas as consolações e os lenitivos para dores «taes como a que n'este momento me persegue. É mais uma provação e «durissima, pela qual approuve á Providencia fazer-me passar.

«É raro ter conhecido a maioria das desgraças na idade aberta ás am- «bições, e ás illusões de que aquellas costumam proceder. Resigno-me «com a minha sorte: cumprir o dever pelo que elle é, e não pelo que elle «pôde valer.

«Para fazel-o sobra-me o exemplo da esposa que perdi quando começava a «apreciar o thesouro de que me foi dado gosar. Era um coração para a «terra e um espirito para o céu.

«Nos quatro annos do meu reinado, eu e os meus povos temos sido com- «panheiros de infortunio. Diz-me a consciencia que nunca os abandonei. «Não me abandonem elles hoje, que procuro um conforto e quasi o não «encontro senão na religião que manda crer e esperar, e nas lagrimas, que se «confundem com as minhas.

e aos domingos; mas o publico parece consideral-o fechado. Representou-se ali a *Fada*, de Octave Feuillet, traduzida por Rebello da Silva, que é um primor litterario no original e que a traducção soube igualar. A interpretação foi esmerada, e se não obteve um exito brilhante foi por que o genero a que pertence a comedia, é pouco apreciado das nossas platéas.

Tivemos noticias de Cintra, que nos dizem estar devéras animada. Convive-se pouco; mas todas as tardes ha numerosa reunião em Sitiaes. Realçam, segundo ouvimos, o prestigio d'aquellas reuniões duas bellezas andaluzes e uma formosa amazona, que alliando a elegancia á dextreza, atravessa galopando n'um fogoso corcel aquelle lindo campo, fazendo reviver na imaginação uma das mais deslumbrantes heroínas de Walter Scott.

A noticia de um livro é sempre rara entre nós, e de um bom livro para estudo ainda mais, por isso nos apressamos em annunciar aos nossos leitores que o eminente escriptor Rebello da Silva, já mandou para a Imprensa Nacional, parte de um volume da *Historia de Portugal*, começando na dynastia de Bragança, trabalho importante de que fôra ultimamente encarregado, e no qual estamos convencido ha de sustentar a elevada reputação que tão justamente adquiriu.

A vinda da Ristori realisa-se. Consta-nos que enviára ao ex.^{mo} Commissario Régio o repertorio das doze representações que tenciona dar ao theatro de D. Maria II, e que encerra as seguintes tragedias: *Phedra*, *Mcdéa*, *Mirrha*, *Adrianna Lecouvreur*, e uma comédia *O marido zeloso*. É devéras para festejar a occasião de podermos admirar e applaudir uma das primeiras celebridades tragicas do seculo.

Mais um artista distincto illustra este numero da *Revista Contemporanea*. A estampa que hoje damos e que representa um *Episodio da degolação dos innocentes*, foi phantasiada e gravada pelo sr. Metrass, nome que pertence á esperançosa pleiada da nova geração, e um d'aquelles que melhor a tem sabido honrar.

Todos os que prezam as bellas artes no nosso paiz, ainda que poucos são infelizmente, conhecem o auctor dos quadros, *Camões na gruta de Macáu*, o *Juizo de Salomão* e a *Leitura dos Lusíadas*, e sabem que conquistou legitidamente a reputação de que goza, cultivando o difficil genero de pintura historica, e enriquecendo pela valiosa escolha dos assumptos a galeria nacional.

É facil adivinhar no esboço que representamos, analysando a elegancia e suavidade dos traços que formam aquelles grupos o delicado pincel que animou as fórmas graciosas das duas mulheres que symbolisam e realçam os dois bellos quadros a *Leitura d'um romance* e o *Copo de Champanhe*. A voluptuosidade morbida de uma e a indolencia seductora da outra, foram admiravelmente caracterisadas n'aquellas sympathicas criações.

No *Episodio da degolação dos innocentes*, domina o terror, e vê-se que o esboço podia tornarr-se obra de valia, alargando-lhe o artista as dimensões, e dando-lhe o vivo colorido da sua palheta.

ERNESTO BIESTER.